

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

ARIANE SIQUEIRA BARBOZA SOUZA

ISLAMISMO E TERRORISMO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS

Recife
2018

ARIANE SIQUEIRA BARBOZA SOUZA

**ISLAMISMO E TERRORISMO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Cognição e cultura

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S729i Souza, Ariane Siqueira Barboza.
Islamismo e terrorismo : representações sociais entre universitários
brasileiros e turcos / Ariane Siqueira Barboza Souza. – 2017.
94 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Antonio Roazzi.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2017.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Islamismo. 3. Terrorismo. 4. Representações
sociais. 5. Estudantes universitários. I. Roazzi, Antonio (Orientador). II.
Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-226)

ARIANE SIQUEIRA BARBOZA SOUZA

**ISLAMISMO E TERRORISMO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE
UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em psicologia cognitiva.

Aprovada em: 27/02/2018

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Antonio Roazzi (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Umbelina Rego Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Yves Albuquerque Gomes (Examinador Externo)
INCITI- Pesquisa e Inovação para as Cidades

Dedico este trabalho a todos os muçulmanos que
propagam a paz (*al'islam*) ao redor do mundo.
Assalam Aleikum!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir estudar uma das mais complexas das suas criações: o ser humano.

Aos meus pais, Giane e Iranildo, e meu irmão, Mateus, por estarem ao meu lado em todos os momentos durante esses dois anos de mestrado.

À família Siqueira e à família Souza por me auxiliarem em tudo o que eu precisei para o cumprimento dessa etapa.

Ao meu futuro marido Murat, por ser uma fonte de descanso em meio às dificuldades acadêmicas.

A Şehmus por auxiliar-me na coleta de dados e na tradução.

Aos meus amigos Edilson Feliciano e Ingrid Michéle por toda troca, apoio e torcida nesse processo tão desafiador.

À Débora de Amorim, por sua generosidade e ajuda no ingresso deste PPG.

Aos universitários brasileiros e turcos por doarem o seu tempo e paciência para a execução de todas as atividades desse estudo.

Ao Prof. Dr. Antonio Roazzi, por todo suporte, humor e orientação desde a escolha do tema até a escrita da dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, por contribuírem no processo de tornar-me uma pesquisadora, em especial à Prof^a. Dr^a. Karina Moutinho e à Prof^a. Dr^a. Alina Spinillo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, por conceder a bolsa de mestrado.

Aos professores participantes da banca examinadora, Prof.^a Dr^a. Ubelina Rego Leite e Prof. Dr. Yves de Albuquerque Gomes, que aceitaram dividir comigo este momento tão esperado.

Muito obrigada a todos!

Todos vivemos nalgum tipo de círculo social e cultural. Nascemos numa certa família, nação, classe. Mas, se não tivermos qualquer relação que seja com os mundos para além daquele que tomamos por garantido, corremos o risco de secar no interior dele. A nossa imaginação pode encolher, os nossos corações podem diminuir, a nossa qualidade humana pode definhar se ficarmos muito tempo nos nossos casulos culturais. Os nossos amigos, vizinhos, colegas, família... Se todas as pessoas no nosso círculo interior se assemelham a nós, isso significa que estamos rodeados pela nossa imagem no espelho. (SHAFAK, Elif, 2017)

RESUMO

No Manuscrito 1, investigou-se, entre 134 estudantes universitários (65 turcos e 69 brasileiros), a organização estrutural da representação social dos conceitos “Islamismo” e “terrorismo” e como a nacionalidade associa-se a essa organização estrutural. Como meio de acesso ao campo semântico das representações, utilizou-se a técnica da associação livre. Ao que se refere ao Brasil, obteve-se um total de 21 categorias de análise em relação ao Islamismo e 19 categorias em relação ao terrorismo. Na Turquia, 19 categorias foram originadas em relação ao Islamismo e 20 categorias em relação ao Terrorismo. Tais categorias foram compostas a partir das expressões semânticas agrupadas de acordo com a similaridade de significados. Foi demonstrado na análise dos significados de “Islamismo” e “terrorismo” que a organização desses conceitos está fortemente relacionada ao fator nacionalidade, evidenciando uma prevalência de referenciais diferentes oriundos de vivências culturais distintas. No Manuscrito 2, por intermédio da análise multidimensional baseada na Teoria das Facetas, objetivou-se investigar a conceitualização que universitários brasileiros e turcos têm sobre o que é Islamismo e terrorismo. Em um primeiro momento, os participantes foram solicitados que expressassem o que lhes vinham ao pensamento com a evocação das palavras-estímulo Islamismo e terrorismo. Após um levantamento das palavras mais frequentes evocadas, foram selecionadas 15 palavras. Na sequência, foram-se investigadas as estruturas conceituais das palavras Islamismo e terrorismo através da técnica não-verbal da classificação livre. A Análise da Estrutura de Similaridade (SSA) foi utilizada para analisar os resultados das inter-relações entre todas as variáveis. Evidenciou-se que as amostras estudadas, brasileira e turca, atribuem significados diferentes a Islamismo e terrorismo. O fator nacionalidade, então, se mostra fortemente influenciador desses referenciais. No Manuscrito 3, objetivou-se descrever o conteúdo das representações sociais de universitários brasileiros e turcos a respeito do Islamismo e do terrorismo. Para isso, realizou-se a coleta de dados em duas etapas. Primeiramente, através da técnica da associação livre, 134 universitários, de ambos os países, expressaram o que pensavam diante das palavras islamismo e terrorismo. Na sequência, por intermédio do Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM), 30 estudantes, de ambos os países, classificaram as palavras mais associadas pelos estudantes da primeira etapa através da classificação dirigida. Tais palavras foram classificadas de acordo com o grau de associação com a palavra Islamismo ou terrorismo. Através de métodos estatísticos multidimensionais, a análise pôde ser viabilizada, construindo-se a estruturação do campo das representações sociais. Evidenciou-se que a amostra de universitários brasileiros demonstrou

uma forte associação do Islamismo a terrorismo, caos, medo, maldade, destruição, guerra, morte e violência. Já a amostra de universitários turcos, não demonstrou uma associação significativa entre o islamismo e esses mesmos elementos. O presente estudo visa colaborar com uma ampliação do entendimento sobre a representação social do Islamismo e do terrorismo entre universitários brasileiros e turcos, oferecendo uma contribuição à lacuna existente na literatura científica a respeito desse tema e tornando-se uma possível inspiração para novos estudos que visem aprofundar e refinar as investigações com as amostras aqui selecionadas e seus instrumentos.

Palavras-chave: Representação Social. Islamismo. Terrorismo. Universitários. Brasil. Turquia.

ABSTRACT

In Manuscript 1, among 134 university students (65 Turks and 69 Brazilians), the structural organization of the social representation of the concepts "Islam" and "terrorism" was investigated and how nationality is associated with this structural organization. As a means of accessing the semantic field of representations, the free association technique was used. With regard to Brazil, a total of 21 analysis categories were obtained in relation to Islamism and 19 categories in relation to terrorism. In Turkey, 19 categories originated in relation to Islamism and 20 categories in relation to Terrorism. These categories were composed from the semantic expressions grouped according to the similarity of meanings. It was demonstrated in the analysis of the meanings of "Islamism" and "terrorism" that the organization of these concepts are strongly related to the nationality factor, evidencing a prevalence of different referents from different cultural experiences. In Manuscript 2, through the multidimensional analysis based on Facets Theory, the purpose was to investigate the conceptualization that Brazilian and Turkish university students have about Islam and terrorism. At first, the participants were asked to express what came to their mind with the evocation of the words stimulus Islamism and terrorism. After a survey of the most frequent words evoked, 15 words were selected. In the sequence, the conceptual structures of the words Islamism and terrorism were investigated through the non-verbal technique of free classification. The Similarity Structure Analysis (SSA) was used to analyze the results of the interrelationships among all variables. It was evidenced that the samples studied, Brazilian and Turkish, attribute different meanings to Islam and terrorism. The nationality factor, then, is strongly influential of these references. In Manuscript 3, the objective was to describe the content of the social representations of Brazilian and Turkish university students about Islam and terrorism. For this, data collection was performed in two stages. First, through the free association technique, 134 university students from both countries expressed their thoughts on the words Islamism and terrorism. Then, through the Multiple Classification Procedure, 30 students from both countries classified the words most associated with the first stage students through the directed classification. These words were classified according to the degree of association with the word Islam or terrorism. Through multidimensional statistical methods, the analysis could be made feasible, building the field of social representations. It was evidenced that the sample of Brazilian university students demonstrated a strong association of Islamism with terrorism, chaos, fear, evil, destruction, war, death and violence. The sample of Turkish university students, however, did not demonstrate a significant association between Islam and these

same elements. This study aims to contribute to a broader understanding of the social representation of Islam and terrorism among Brazilian and Turkish university students, offering a contribution to the existing gap in the scientific literature on this subject and becoming a possible inspiration for further studies aimed at to deepen and refine the investigations with the samples selected here and their instruments.

Keywords: Social Representation. Islam. Terrorism. University students. Brazil. Turkey.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Análise SSA das categorias sobre o terrorismo da amostra turca usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (2: até 1 salário mínimo e de 1 até 6 salários mínimos), religião (2: islamismo e ateísmo), e área do conhecimento (2: Humanas e Exatas) (Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.15)..... 34
- Figura 2** - Análise SSA das categorias sobre o terrorismo da amostra brasileira usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (3: até 1 salário mínimo, de 1 até 3 salários mínimos, de 4 até 6 salários mínimos), religião (2: cristianismo e Ateísmo), e área do conhecimento (3: Humanas, Exatas, Biológicas) (Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.11)..... 35
- Figura 3** - Análise SSA das categorias sobre o islamismo da amostra turca usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (2: até 1 salário mínimo e de 1 até 6 salários mínimos), religião (2: islamismo e ateísmo), e área do conhecimento (2: Humanas e Exatas) (Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.14) 37
- Figura 4** - Análise SSA das categorias sobre o islamismo da amostra brasileira usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (3: até 1 salário mínimo, de 1 até 3 salários mínimos, de 4 até 6 salários mínimos), religião (2: cristianismo e Ateísmo), e área do conhecimento (3: Humanas, Exatas, Biológicas) (Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.05)..... 38
- Figura 5** - SSA da Classificação livre na amostra Turca considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “Islamismo” (Projeção 2D, Stress = 0,09259, RSQ = 0,96797) 51
- Figura 6** - SSA da Classificação livre na amostra Turca considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “Terrorismo” (Projeção 2D, Stress = 0,11622, RSQ = 0,96837) 52

Figura 7 -	SSA da Classificação livre na amostra Brasileira considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “Islamismo” (Projeção 2D, Stress = ,06933 RSQ = ,98209)	53
Figura 8 -	SSA da Classificação livre na amostra Brasileira considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “Terrorismo” (Projeção 2D, Stress = ,06929 RSQ = ,96392)	54
Figura 9 -	SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Islamismo tendo como variável externa Pais - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,045).....	69
Figura 10 -	SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Terrorismo tendo como variável externa Pais - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,109).....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico da amostra dos universitários brasileiros e turcos.....	30
Tabela 2 - Porcentagem de cada categoria dos universitários turcos e brasileiros em relação a representação social do “ terrorismo ”	33
Tabela 3 - Porcentagem de cada categoria dos universitários turcos e brasileiros em relação a representação social do “ Islamismo ”	36
Tabela 4 - Perfil sociodemográfico da amostra dos universitários brasileiros e turcos.....	47
Tabela 5 - Palavras evocadas (%) pelos universitários turcos e brasileiros em relação ao Islamismo e Terrorismo.....	49
Tabela 6 - Diferenças entre o núcleo central e o sistema periférico	62
Tabela 7 - Palavras evocadas (%) pelos universitários turcos e brasileiros em relação ao Islamismo e Terrorismo.....	65
Tabela 8 - Médias, desvios-padrão e teste do Mann-Whitney da amostra do Brasil e da Turquia das palavras associadas a Islamismo	67
Tabela 9 - Matriz da inter-relação (coeficiente de monotonicidade) entre os itens associados ao islamismo , considerando a nacionalidade dos universitários.....	69
Tabela 10 - Médias, desvios-padrão e teste do Mann-Whitney da amostra do Brasil e da Turquia das palavras associadas a Terrorismo	70
Tabela 11 - Matriz da inter-relação (coeficiente de monotonicidade) entre os itens associados ao terrorismo, considerando a nacionalidade dos universitários	72

LISTA DE SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PCM	Procedimento de Classificações Múltiplas
RS	Representações Sociais
SSA	<i>Similarity Structure Analysis</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	MODELOS DE CATEGORIZAÇÃO.....	20
1.2	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	22
2	ISLAMISMO E TERRORISMO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS.....	27
2.1	INTRODUÇÃO AO MANUSCRITO I	27
2.2	MÉTODO DO MANUSCRITO I	29
2.2.1	Participantes	29
2.2.2	Instrumentos e Procedimentos	31
2.2.3	Análise dos dados	32
2.3	RESULTADOS DO MANUSCRITO I	32
2.4	DISCUSSÃO MANUSCRITO I	39
2.5	CONCLUSÃO MANUSCRITO I	41
3	ESTUDO EXPLORATÓRIO DA CONCEITUALIZAÇÃO DO ISLAMISMO E TERRORISMO EM UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS	42
3.1	INTRODUÇÃO DO MANUSCRITO II	42
3.1.1	Representações Sociais	43
3.2	MÉTODO DO MANUSCRITO II	46
3.2.1	Participantes	46
3.2.2	Instrumentos e Procedimentos	48
3.2.3	Análise dos dados	48
3.3	RESULTADOS DO MANUSCRITO II	49
3.4	DISCUSSÃO DO MANUSCRITO II	54
3.5	CONCLUSÃO DO MANUSCRITO II	56
4	ISLAMISMO E TERRORISMO: CLASSIFICAÇÃO DIRIGIDA ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS	57
4.1	INTRODUÇÃO DO MANUSCRITO III	57
4.1.1	Representações Sociais	58
4.1.2	Representação social do Islamismo e do Terrorismo	62
4.2	MÉTODO DO MANUSCRITO III	63
4.2.1	Participantes	63
4.2.2	Instrumentos e Procedimentos	63

4.2.3	Análise dos dados	64
4.3	RESULTADOS DO MANUSCRITO III	64
4.4	DISCUSSÃO DO MANUSCRITO III	73
4.5	CONCLUSÃO DO MANUSCRITO III	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
5.1	LIMITAÇÕES	78
5.2	SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS	78
5.3	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E SOCIAIS	79
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A – CATEGORIAS	86
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	91
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
	ANEXO B – PARECER DO CEP	94

1 INTRODUÇÃO

A escolha da pesquisadora pelo campo das Representações Sociais é fruto do seu interesse pelo estudo das culturas e de todos os aspectos que as envolvem. Essa inclinação iniciou-se no primeiro período da graduação em Psicologia, graças à disciplina de Antropologia. O interesse por assuntos culturais foi, então, estabelecido, sendo a religião um dos aspectos mais intrigantes.

De forma autônoma, começou a estudar a respeito de diferentes religiões. Após despende algum tempo nas ramificações do Cristianismo, decidiu pesquisar sobre religiões pouco expressivas no Brasil, como o Islamismo, mas queria estudar direto da “fonte”, foi quando conseguiu um Alcorão em português.

O livro sagrado do Islamismo possuía uma capa que não passava despercebida aos olhos: era verde e dourado, com desenhos bem característicos da cultura árabe. Ao levar o livro à universidade para lê-lo nos intervalos entre as aulas, não raras vezes, colegas de classe proferiam palavras em um aparente tom de brincadeira: “agora você está interessada na religião dos terroristas”, “cuidado para não se tornar uma mulher-bomba”, “daqui a pouco você vai vir de burca para a faculdade”.

Apesar de tais sentenças serem verbalizadas em tom de brincadeira, pôde-se constatar que estava diante de um estereótipo muito bem estabelecido na sociedade brasileira, até mesmo na fatia “intelectualizada” do país. Com a continuidade nas pesquisas, acabou por conhecer brasileiras muçulmanas vítimas de agressões por causa das suas vestimentas, como também imigrantes sírios residentes no Brasil hostilizados apenas por serem árabes. O motivo das agressões era sempre o mesmo: a forte associação dos árabes e dos muçulmanos ao terrorismo.

Com o ingresso no mestrado, se viu diante da possibilidade de produzir algo relevante para o meio acadêmico, pesquisando sobre o Islamismo mais uma vez direto da fonte: com muçulmanos ou pessoas que vivem em países majoritariamente islâmicos, queria entender de que maneira a religião era concebida. Será que o terrorismo era tido como elemento definidor dessa doutrina?

O país escolhido foi a Turquia, que apesar de ser um Estado laico, conta com 99.8% de cidadãos que se autodeclararam muçulmanos. As experiências da época da graduação vieram

à memória e a pesquisadora acabou por selecionar como amostras da pesquisa, universitários de ambos os países: Brasil e Turquia.

Espera-se, então, que essa pesquisa contribua para uma melhor compreensão do conteúdo das representações sociais entre universitários brasileiros e turcos a respeito do Islamismo e do terrorismo. O leitor desse estudo, através do entendimento dos procedimentos de classificação aos quais os participantes da pesquisa foram submetidos, pode refletir sobre as suas próprias formas de pensar, ocasionando um aprendizado novo sobre si mesmo.

Para isso, se faz necessário uma pequena introdução sobre os principais conceitos que serão trabalhados adiante. As ciências humanas, historicamente, inclinam-se ao estudo sobre identidade e pertencimento. A psicologia, particularmente, ao dialogar com áreas do conhecimento diversas, como a Antropologia e a Sociologia, contribui com a compreensão do indivíduo-grupo, através de várias ramificações como a representação social, a categorização e autocategorização, autoconceito, pertença, estereótipo e preconceito.

O sistema conceitual refere-se ao montante de conceitos aprendidos ao longo da vida, que se armazenam na memória semântica e é o fundamento do processo da categorização. Os conceitos, que são representações mentais de um grupo de objetos ou unidade de conhecimento e de suas propriedades, são aprendidos intuitivamente. Geralmente, correspondem às classes de coisas no mundo (THAGARD; TOOMBS, 2005). Sem os conceitos, a vida mental seria caótica, pois eles dão estabilidade a mente, dando a noção de que os objetos ou eventos são diferentes em alguns aspectos.

A categoria, por outro lado, é um processo cognitivo habitual que se refere a combinação dos significados dos conceitos (objetos, ideias, ações, etc.) através da classificação por similaridade (LIMA, 2007). As categorias constroem uma ordem mental e física no mundo, reduzindo a demanda da memória humana, através da interação do sujeito com o meio (JACOB; SHAW, 1998).

O conceito da categorização, trazido pela Psicologia Cognitiva, possibilita o entendimento de que categorias mentais alocam objetos a depender das suas semelhanças e diferenças, tornando tais características mais marcantes do que o são na realidade. O sujeito, nesse processo de organização do ambiente, pensa o mundo mais estruturado, organizável, explicável, controlável e simplificado do que realmente é (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

As principais funções da categorização, além da classificação, é a possibilidade de se fazer prognósticos em relação ao futuro, em termos de se selecionar planos e ações, e de dar sustentação à mente, pois através das inferências, não há uma necessidade de se armazenar todos os fatos e acontecimentos (MEDIN; ROSS, 1996).

A quantidade de informações recebidas do ambiente e a complexidade dos estímulos os quais sujeito necessita processar são facilitados pela categorização, que possibilita a junção em grupos dos objetos percebidos como similares. É possível, então, aludir um estímulo do ambiente a um conceito, considerando-o como um exemplar da categoria em questão, independentemente desse exemplar específico nunca antes ter sido experienciado. Dessa forma, as informações oriundas do meio podem ser simplificadas, pois mesmo estímulos complexos podem ser capturados como exemplos de conceitos familiares ao sujeito.

A economia cognitiva propiciada pela categorização reduz, ou até mesmo anula, o trabalho de avaliação cuidadosa das informações oriundas do meio. Tal tendência pode acabar por tornar similares objetos que apresentam características diferenciadas, como também pode desprezar diferenças em casos específicos de itens pertencentes a mesma categoria. Esse processo é tão automático, que ocorre a nível perceptual, mesmo antes de se avaliar, de fato, um objeto. Tais objetos podem ser tanto físicos, como imateriais, tais como, acontecimentos opiniões, ideias, juízos. Além disso, esses objetos podem referir-se a pessoas.

A categorização social, ou categorização de pessoas, refere-se a diferenciais de valor. As pessoas são ao mesmo tempo sujeitos e objetos da categorização (TAJFEL, 1981). Para Deschamps e Moliner (2009), o processo da categorização, nesse contexto, acentua as possíveis diferenças que existem entre membros de grupos sociais distintos, além de minimizar as diferenças entre membros de um mesmo grupo.

A percepção das características grupais é, então, afetada por esse processo cognitivo, envolvendo aspectos emocionais, que medirão a relação dos indivíduos entre si, provocando percepções estereotípicas ou crenças de que todos os membros de uma categoria social dividem atributos que os diferenciam de outros grupos. Tal processo pode ser operado a nível implícito, fora do controle cognitivo dos indivíduos, fora do domínio da consciência (CAMEIRA et al., 2002).

Julgamentos rápidos e eficazes são disparados em relação às pessoas, orientando a vida social e percebendo-as como pertencentes a grupos e categorias. A categorização social,

então, refere-se ao ato de se categorizar fenômenos de natureza social, permitindo a junção de objetos e acontecimentos sociais em grupos que são similares em relação às ações, intenções e sistemas de crença do indivíduo (TAJFEL, 1981). Através do conjunto homogêneo de pessoas unidas nas categorias o mundo social se apresenta. A identidade social se emerge, então, nesse contexto.

A identidade social de um indivíduo, entendida com seu conhecimento de que pertence a certos grupos sociais, junto com alguma importância de valor e emocional para ele de sua pertença a esse grupo, só pode ser definida através dos efeitos da categorização social que define o entorno entre seu grupo e os outros (TAJFEL, 1981).

Ainda que um sujeito possa ter uma identificação não satisfatória com o próprio grupo ao qual pertence, há uma inclinação para que se atribua valores negativos ao grupo de fora, enquanto que ao grupo o qual se pertence, atribua-se valores positivos. Dessa forma, há uma discriminação a favor do próprio grupo, em detrimento ao grupo dos outros. Tal favoritismo para o próprio grupo relaciona-se ao conceito de etnocentrismo: tendência de cada povo de considerar as suas próprias ideias e estilos de vida como superiores aos dos outros.

Essa forma de se pensar os outros se manifesta através de vários vieses: pensa-se nos membros dos grupos de fora como um bloco único, maximizando as diferenças intercategoriais e as similaridades intracategoriais. Ao grupo a que se pertence, atribui-se eventos positivos às situações internas, enquanto as situações negativas são decorrentes de causas externas. Ao grupo de fora, no entanto, os fatos positivos são reconhecidos como provenientes de causas externas, já os eventos negativos são frutos de causas internas.

Tal depreciação aos grupos externos é mais visível por parte dos membros com maior identificação com o próprio grupo, indivíduos que se auto-definem como membros protótipos (JETTEN; SPEARS; MANSTEAD, 1997). É possível que alguns vieses não se refiram a sentimentos negativos aos grupos externos, mas em um favoritismo ao grupo a que se faz parte, reservando-se admiração, simpatia e confiança ao endogrupo (BREWER, 1999).

1.1 MODELOS DE CATEGORIZAÇÃO

O modelo clássico remota-se a Aristóteles e a sua preocupação com as práticas de nomear, definir e categorizar, através das suas reflexões a respeito da essência das coisas (RIZZATI, 2001; LIMA, 2007). Mais tarde, com a psicologia experimental, Hull ajudou a definir os pilares desse modelo. Essa teoria psicológica se debruça no estudo de como

conceitos são representados na espécie humana e em outras espécies (SMITH; MEDIN, 1981).

No Modelo Clássico, as categorias são encaradas pelas propriedades comuns a todos os seus membros. Não existindo, dessa maneira, melhores exemplares na categoria. A categoria se revela como um conjunto limitado de condições suficientes, essenciais e necessárias (RIZZATI, 2001). A separação, então, refere-se apenas à membros e não-membros. Todos os membros possuem as características críticas necessárias e suficientes que definem a categoria. Os não-membros não possuem nenhum desses atributos. Tais categorias são arbitrárias e são definidas pela cultura, pois não há nada no mundo ou no sistema nervoso que determine como as categorias serão organizadas (SMITH; MEDIN, 1981).

As críticas principais a abordagem clássica se referem, em grande parte, aos pontos de fraturas na determinação de atributos definidores da maioria dos conceitos. Para os defensores do modelo de protótipos, por exemplo, há poucas características que todos os membros de uma categoria compartilham, fazendo-se necessário uma análise representacional (LIMA, 2010; EYSENK; KEANE, 1990). Além disso, o modelo é criticado por não ser resultado de um estudo empírico (LAKOFF, 1987).

O Modelo dos Protótipos procura explicar as deficiências em relação a essa definição de atributos através de estudos empíricos. Para Eleanor Rosch (1973), não haveria um conjunto delimitador de atributos críticos, necessário para determinar a inclusão de um membro em uma categoria. Os limites categóricos seriam imprecisos. Dessa forma, um membro pode pertencer mais a categoria do que outro.

Além disso, Rosch transformou a categorização em questão de pesquisa e afirmou que havia membros que poderiam explicar melhor uma categoria que outros. Tais membros seriam os protótipos centrais que condensariam em si o significado da categoria a qual são pertencentes. Enquanto na categorização clássica se definia apenas dois membros (o que pertence e o que não pertence à categoria), na categorização prototípica se defende que existem graus de pertencimento categórico (TAYLOR, 1995).

Existe, dessa forma, nas categorias os elementos protótipos, que são pontos de referência (RIZATTI, 2001). As entidades das categorias não a representariam de forma igual, haveria vários graus de representatividade. O protótipo é o elemento mais central, mais exemplar e mais representativo de uma categoria.

Um novo membro de uma dada categoria será classificado a depender do quão similar ele é do modelo protótipo, sendo avaliados a partir de uma escala de tipicidade que se estende desde os bons até os maus exemplos. A classificação de um membro de uma

categoria, então, refere-se ao quanto as suas dimensões se aproximam das dimensões ideais, prototípicas (LIMA, 2010).

Se um membro é julgado como mais próximo do modelo protótipo, maior será a quantidade de características comuns que ele terá com os outros membros dessa categoria, como também apresentará poucos atributos similares aos membros de categorias distintas (ROSH; MERVIS, 1975). Os maus exemplos de uma categoria, ou seja, os membros marginais, compartilham pouca quantidade de características entre os membros da categoria, possuindo atributos que pertencem a categorias externas.

Os críticos desse modelo defendem que o modelo do protótipo não pode substituir o modelo clássico, uma vez que no caso de conceitos abstratos, as categorias não possuem categorias prototípicas. Esse modelo também não explica a coerência das categorias, pois apenas o agrupamento por semelhanças não pode explicar essa coerência, pois há categorias com um tênue embasamento com atributos compartilhados, mas que ainda assim não coerentes (EYSENCK; KEANE, 1990).

1.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Além de ser base para inúmeros processos cognitivos, a categorização também se faz necessária para a formação das Representações Sociais (RS). Um grande marco na busca da compreensão do espaço simbólico, e de seus processos e mecanismos como construções sociais e históricas, é a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (1978) no campo da Psicologia Social.

Com quase seis décadas de existência, tal teoria ainda se apresenta como um vasto campo de estudo em constante expansão. Definida a primeira vez por Serge Moscovici, na sua obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, a Teoria das Representações Sociais vem sendo estudada ao longo dos anos por diferentes áreas do conhecimento, tendo auxiliado na compreensão de diferentes aspectos que envolvem o ser humano e a sua relação com o meio, desde os sistemas simbólicos e de construção de realidade até a função normativa, reconhecimento do *self* e desenvolvimento/ reconhecimento individual e grupal.

Consideradas como maneiras singulares e específicas de expressar o conhecimento de uma sociedade e dos grupos que a compõe (MOSCOVICI, 1961), as RS são originadas a partir da composição dos variados saberes do senso comum, decorrentes das trocas cotidianas

e dos intercursos dialógicos (BERGE; LUCKMAN, 1985). Dessa forma, assim como essencial para a transmissão cultural, a linguagem também se constitui significativa na construção das representações.

A função mais significativa das RS seria transformar o objeto estranho, ameaçador ou ansiogênico em algo conhecido ou familiar (ROAZZI; SOUZA; ROAZZI, 2015). O sujeito, então, basicamente, ao entrar em contato com o objeto estranho (pessoa, ideia, conceito, etc) o associará de forma automática à significados decorrentes da sua experiência (ARRUDA, 2002). Tal objeto, então, será alocado em alguma das categorias mentais específicas que são compartilhadas por outras pessoas.

No entanto, essa organização categorial não será necessariamente lógica, racional e científica (ROAZZI; SOUZA; ROAZZI, 2015), uma vez que o meio ou a cultura, a qual o sujeito está inserido, será um definidor de como as categorias serão organizadas (MOSCOVICI, 1988). Neste sentido proposto por Moscovici, as RS não são um reflexo da realidade, mas uma construção mental do objeto, inseparável da atividade simbólica do sujeito, tributária de sua inserção na totalidade social (HERZLICH, 1972).

Toda representação é uma representação de alguém (sujeito social) sobre algo, não como uma cópia da realidade, mas uma reconstrução do objeto ou de alguém (JODELET, 2001). Tais objetos podem ser distorcidos, suplementados ou subtraídos. Na primeira situação, ainda que todos os atributos do objeto estejam presentes, alguns são especialmente acentuados ou minimizados. Na segunda situação, há uma atribuição ao objeto de características e conotações que ele não possui. Na última situação, atributos pertencentes ao objeto são suprimidos.

Apesar da forma imperativa e automática através da qual as RS parecem se manifestar, elas não são estáticas. Sabe-se que existem pontos de “fratura” no sistema representacional de cada cultura, o que pode ocasionar a emergência de novas representações sociais a qualquer momento (MOSCOVICI, 2007). As RS são modificáveis, podendo ser transformadas nos processos cotidianos das pessoas. O sujeito está inserido em uma comunidade concreta simbólica, mas não está condenado a simplesmente produzir essa realidade. Os atores sociais possuem um papel ativo na produção e na transformação das RS.

As configurações sociais dominantes configuram-se na forma de pressão para a homogeneização de certas RS. Os meios de comunicação social, em especial a televisão, se

revelam como um propagador da consensualidade das RS. Isso porque a partilha da realidade social por uma larga comunidade facilita o conformismo (VALA, 2003).

As RS não são opiniões ou tomadas de posição contra ou a favor de alguma coisa, mas sim são as justificativas utilizadas para tais opiniões e posicionamentos.

Esse saber funcional garante a identidade social e do equilíbrio sociocognitivo (JODELET, 1989). Coletivamente produzidas, as RS são o resultado da atividade cognitiva e simbólica de um grupo social (VALA, 2003).

Comportamentos discriminatórios, bem como a sua justificação são desencadeados devido a atribuição aos grupos externos certas características consideradas merecedoras de tais ações. De antemão, cada grupo já possui um sistema representacional que auxilia na antecipação dos comportamentos alheios, como também guia a estratégias de ação (DOISE, 1984).

Nesse contexto de aceção intergrupais, as RS desempenham 3 funções. Seleção: os conteúdos considerados relevantes são destacados. Justificativa: um comportamento hostil dirigido a determinado grupo é justificado devido à imagem que ele possui ou à sua posição desfavorável no momento de interação. Antecipação: antecipa-se de forma ativa o desenvolvimento das relações intergrupais.

Diante das explanações a respeito dos diferentes conteúdos das RS a depender do ambiente no qual o indivíduo está inserido, o estudo entre diferentes culturas se mostra, como relevante academicamente. Frente ao panorama atual das pesquisas em RS, o conteúdo das representações a respeito do Islamismo e do Terrorismo se revela como um campo ineficiente e pouco estudado (ALGHAMDI, 2015; SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998; TÖRNBERG; TÖRNBERG, 2006; WARNER, 2015). O presente estudo se propõe, então, a contribuir com a lacuna literária a respeito desse tema.

Além da relevância acadêmica, evidencia-se uma importância social na presente pesquisa, uma vez que o entendimento de como as pessoas, em especial os brasileiros, representam o Islamismo e o terrorismo pode auxiliar, se necessário, na criação de estratégias de minimização de ações de preconceito, estereótipo e xenofobia, comportamentos esses viabilizados pela forte associação desses dois conceitos.

Esse estudo, dessa forma, se propôs a investigar o conteúdo das representações sociais do Islamismo e do terrorismo entre universitários brasileiros e turcos. Escolheu-se uma metodologia “êmica” utilizada em estudos na área da antropologia cognitiva, partindo-se do pressuposto que o entendimento que um sujeito possui de um objeto só pode ser acessado considerando-se o contexto social, suas características e princípios culturais nos quais ele está inserido (JOVCHELOVITCH, 2001).

Os métodos de análise multidimensionais foram utilizados por se tratar de uma metodologia exploratória. Tais métodos possibilitam a expressão mais fidedigna do pensamento dos sujeitos, evitando-se vieses que poderiam interferir nas análises. A utilização de tais análises não-métricas é baseada nos processos de categorização. Dessa forma o SSA (*Similarity Structure Analysis*) foi aplicado com o intuito de avaliar o grau de intercorrelações entre as categorias na composição da estrutura do conceito. A emergência dos conceitos, bem como as suas relações, é permitida através dessas análises multidimensionais, pois há a possibilidade de conversão de distâncias e similaridades psicológicas em distâncias euclidianas (ROAZZI, 1995).

Em um espaço euclidiano, de dimensionalidade mínima, se é possível visualizar uma representação geométrica dos dados da pesquisa. Utiliza-se, então, pontos para representar graficamente as categorias. Quanto mais próximos estiverem os pontos, maior é a correlação entre as categorias por eles representadas e vice-versa (GUTTMAN, 1968; YOUNG, 1987).

A Teoria das Facetas foi utilizada como perspectiva teórica, uma vez que as variáveis são consideradas como inter-relacionadas e não como entidades discretas isoladas entre si. Dessa forma, define-se qual é a estrutura subjacente aos dados, nesse caso as categorias produzidas. Na sequência, analisa-se de que forma as variáveis independentes (variáveis externas) estão relacionadas com essas estruturas (não as variáveis dependentes isoladas).

Assim, apenas um único mapa integrado representa ao mesmo tempo a estrutura das categorias e os subgrupos- variáveis externas (ROAZZI, 1995; ROAZZI; DIAS, 2001). O referencial metateórico da Teoria das Facetas possibilita uma descrição fidedigna, evitando a perda de elementos qualitativos dos dados de análise (BRANDÃO; ROAZZI, 2004).

O objetivo geral desse estudo foi investigar a organização estrutural da representação social do universitário brasileiro e turco acerca do Islamismo e do terrorismo.

Assim, traçou-se o seguinte objetivo específico: Identificar a trama e as relações entre as estruturas das representações de Islamismo e terrorismo a partir de classificações e justificativas verbais da produção do pensamento classificatório.

Elaborou-se as seguintes hipóteses:

- a) Existem diferenças, entre universitários brasileiros e turcos, na organização estrutural da representação social acerca do Islamismo e do terrorismo.
- b) As palavras-estímulos Islamismo e terrorismo têm uma maior correlação entre os universitários brasileiros, enquanto que entre os universitários turcos esses conceitos não estão significativamente correlacionados.

Optou-se por dividir esse estudo em sessões denominadas “manuscritos”. Cada um dos três manuscritos detém-se em diferentes nuances na investigação da conceitualização que universitários brasileiros e turcos têm sobre o que é Islamismo e terrorismo.

No primeiro manuscrito denominado Islamismo e terrorismo: representação social entre universitários brasileiros e turcos utilizou-se a técnica da associação livre para a produção de palavras ou expressões referentes aos termos indutores da evocação (Islamismo ou terrorismo).

No segundo, chamado de Estudo exploratório da conceitualização do Islamismo e terrorismo em universitários brasileiros e turcos, fez-se uso da técnica não-verbal do Procedimento de Classificações Múltiplas- PCM, Classificação Livre.

Por fim, o terceiro e último manuscrito, Islamismo e terrorismo: classificação dirigida entre universitários brasileiros e turcos, utilizou-se outra técnica não-verbal do PCM chamada de Classificação Dirigida.

2 ISLAMISMO E TERRORISMO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS.

2.1 INTRODUÇÃO AO MANUSCRITO I

O Islamismo, a segunda maior religião do mundo e a religião que mais cresce, conta com mais de 1,6 bilhão de seguidores atualmente (BERMÚDEZ, 2017). Essa doutrina surgiu há aproximadamente 1400 anos por intermédio do profeta Muhammad, ou Maomé em Português, nascido em Mecca, na Arábia Saudita.

Um dos países compostos por uma maioria muçulmana nos dias de hoje é a Turquia. Cerca de 99,8% da população declara-se muçulmana e os outros 0,2% da população é composto majoritariamente por cristãos e judeus (CIA WORLD FACTBOOK: TURKEY). Apesar da maciça presença islâmica no país, a Turquia é uma república constitucional democrática, secular e unitária. Sendo um estado secular, não há religião oficial e a constituição garante a liberdade religiosa e de consciência (CONSTITUTION OF THE REPUBLIC OF TURKEY, 1982).

O Brasil, por outro lado, possui pouco contato com esse seguimento religioso. Em 2010, por exemplo, registrou-se que 90,1 % dos brasileiros se declaravam cristãos, dividindo-se entre as mais diversas doutrinas e denominações (CIA WORLD FACTBOOK: BRAZIL). A constituição brasileira, assim como a turca, assegura a liberdade religiosa, proibindo qualquer intolerância. Oficialmente, uma vez que o Brasil é um país secular, Igreja e Estado estão separados.

Com a crise de refugiados, houve no Brasil um aumento da imigração da população muçulmana, já que grande parte dos refugiados são originários da África, Oriente Médio e até Ásia, territórios com uma tradição islâmica mais forte. Tais refugiados, muitas vezes, procuram asilo, deixando a sua terra natal devido a guerras, conflitos, fome e violação dos direitos humanos, como o exemplo atual e relevante da Síria, país que se encontra em guerra civil há quase sete anos. O Brasil conta hoje com quase 8.800 refugiados de 79 diferentes nacionalidades. A maior parte desses refugiados são originários da Síria. De fato, os sírios representam 1/4 dos refugiados em terras brasileiras (CIA WORLD FACTBOOK: BRAZIL).

Com a imigração mais recente dos muçulmanos ao Brasil, um novo problema também começou a ser visto na sociedade brasileira: a islamofobia, sendo sua expressão mais

evidente a associação dessa religião ao terrorismo. Um dos casos que mais destacou tal aversão foi o caso do vendedor árabe de esfirras, Mohamed Ali, refugiado sírio, morador da Zona Sul do Rio de Janeiro, que foi agredido verbalmente e hostilizado por um brasileiro que lhe proferia as seguintes palavras: "Saia do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis" (FOLHA DE SÃO PAULO, 04 de agosto de 2017).

Como pontua Warner (2015) ao estudar a questão da representação social do terrorismo, há um conhecimento limitado sobre o tema, sendo a mídia sua principal fonte de informação. Dessa forma, a motivação do comportamento agressor, evidenciado pela extrema associação do Islamismo ao terrorismo, pode ser consequência da pouca informação que os brasileiros possuem a respeito dessa religião, uma vez que a maioria das informações sobre o povo islâmico é transmitida pela mídia brasileira e, na maioria das vezes, quando se ocorre algum atentado terrorista.

De fato, esse é um dos maiores problemas enfrentados atualmente em várias nações do mundo. Se há alguns anos esses eventos pareciam raros ou mesmos distantes da realidade do mundo ocidental, hoje o terror se impõe como um problema real e recorrente. Os suicidas atacam de forma indistinta, não diferenciando suas vítimas, que pertencem a diferentes classes sociais, religiões, faixas etárias e grupos étnicos.

Apesar das inúmeras definições dadas ao terrorismo, todas elas reconhecem alguns elementos-chave desses eventos. À saber: o uso ou ameaça de violência, a criação de medo e intimidação, em uma audiência de vítimas indiretas, para efetuar mudanças na ideologia, atitudes e comportamento (KUMAR, 2012).

O fato de muitos dos atentados ocorridos pelo mundo serem reivindicados por indivíduos que se autoproclamam muçulmanos leva a suposição de que existe no Islamismo fundamentos que favorecem essas práticas. Apesar do uso de passagens do Alcorão para justificar tal prática, a tradição islâmica dominante é extremamente pacífica e tolerante (CANTER, 2009).

Uma análise, mesmo grosseira, dos atentados terroristas evidencia que pessoas de diferentes religiões, sistemas sociais, gênero e países tomam parte de alguma forma a atividade terrorista. Sabe-se que, até antes do 11 de Setembro de 2001, a maioria dos livros a respeito do tema, sequer, mencionava o Islamismo (CANTER, 2009).

É importante destacar ainda que muitas das vítimas de atentados terroristas são muçulmanos. Em 2016, por exemplo, países como Turquia, Iraque, Síria, Afeganistão, Paquistão, Palestina, Egito, Costa do Marfim, entre outros, foram alvos de atentados suicidas que deixaram milhares mortos.

O estudo das Representações Sociais de brasileiros e turcos a cerca do Islamismo e terrorismo pode fornecer informações sobre como eles pensam e interpretam esses conceitos. Sabe-se que as Representações Sociais são maneiras singulares e específicas de expressar o conhecimento de uma sociedade e dos grupos que a compõe (MOSCOVICI, 1961). Dessa maneira, contribuições concernentes à compreensão do pensamento social de um grupo específico podem ser conseguidas por meio do estudo das Representações Sociais.

O sentimento de pertencimento a um grupo, de identidade pessoal, de representação do *self* são decorrentes das representações sociais. Por meio dos conhecimentos compartilhados das representações, as pessoas filtram as informações que recebem do meio, dando sentido à realidade, servindo de explicação, compreensão e desenvolvimento do “real” (ROAZZI, SOUZA; ROAZZI, 2015).

Buscou-se investigar, em universitários brasileiros e turcos, a organização estrutural da representação social do Islamismo e do terrorismo e como a variável nacionalidade está associada a essa organização estrutural. Baseando-se principalmente na teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978) e em estudos antropológicos que se utilizam das análises multidimensionais (D’ANDRADE, 1995; ROAZZI, 1995; RUSSEL, 1994), além da Teoria das Facetas (BORG, 1979, 1993; CANTER; KENNY, 1981; DANCER, 1990; DONALD, 1985; FEGER; VON HEKHER, 1993; GUTTMAN, 1965; LEVY, 1985, 1993), investigou-se de forma empírica a organização estrutural de tais conceitos através do levantamento semântico. Para se coletar os dados, utilizou-se técnicas de associação livre. Os dados, então, foram analisados por meio do SSA- *Similarity Structure Analysis* (ROAZZI, 1995, 1999B; ROAZZI; MONTEIRO, 1995; ROAZZI, LOUREIRO; MONTEIRO, 1996).

2.2 MÉTODO DO MANUSCRITO I

2.2.1 Participantes

Uma amostra de 134 sujeitos foi investigada, composta por 65 universitários turcos; e 69, brasileiros. A idade dos universitários brasileiros variava entre 17 e 37 anos (M=22,55 e

DP= 4,125), enquanto os universitários turcos apresentavam variação entre 18 e 33 anos (M=21, 08 e DP= 2,406). A partir dos dados obtidos através do questionário sociodemográfico, foi elaborada a Tabela 1 com o perfil dos dois grupos de participantes.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico da amostra dos universitários brasileiros e turcos.

Dados sociodemográficos	Distribuição			
	Brasil		Turquia	
	N	%	N	%
Participantes	69	100	65	100
Sexo				
Feminino	39	56,5	32	49,2
Masculino	30	43,5	33	50,8
Idade				
Entre 17- 20 anos	30	43,5	35	53,8
Entre 21-37 anos	39	56,5	30	46,2
Renda Familiar Per capita				
Até 1 salário mínimo	25	36,2	56	86,2
Entre 1 e 3 salários mínimos	27	39,1	9	13,8
Entre 4 e 6 salários mínimos	17	24,6		
Escolaridade				
Graduação	67	97,1	63	96,9
Mestrado	2	2,9	2	3,1
Área do conhecimento				
Ciências Humanas	45	65,2	37	56,9
Ciências Exatas	10	14,5	26	40
Ciências biológicas	14	20,3	2	3,1
Relacionamento atual				
Solteiro	64	92,8	35	100
Casado	5	7,2		
Religiosidade				
Cristianismo	39	56,5	1	1,5
Islamismo			55	84,6
Agnosticismo	16	23,2		
Ateísmo	07	10,1	7	10,8
Outro	07	10,1	2	3,1

Os seguintes critérios foram utilizados para se compor a amostra:

Critério nacionalidade: apenas estudantes nascidos e residentes no Brasil e na Turquia foram incluídos na amostra.

Critério conveniência: os estudantes convidados e prontamente disponíveis foram selecionados, não obedecendo a nenhum critério estatístico, além da nacionalidade.

2.2.2 Instrumentos e Procedimentos

Um contato foi estabelecido com duas universidades, uma no Brasil e outra na Turquia, para se conseguir chegar a esses participantes. Os sujeitos foram abordados individualmente no campus das universidades citadas. Inicialmente, foram solicitados dados sociodemográficos (sexo, renda, idade, religião e formação escolar) dos participantes através de um questionário (Apêndice B) que serviu para a caracterização da população da pesquisa. Antes da coleta dos dados por meio da técnica da associação livre, o objeto da investigação, bem como seu objetivo ou qualquer outra informação não foi fornecida.

Através da técnica da associação livre, os voluntários foram solicitados a produzir palavras referentes aos termos indutores da evocação (Islamismo ou terrorismo) e expressarem livremente o que vinha às suas mentes quando essas palavras-estímulo eram evocadas, de acordo com o seguinte comando: “Escreva, o mais rápido possível, todas as palavras que vêm a sua mente quando você pensa em “Islamismo”, e “Escreva, o mais rápido possível, todas as palavras que vêm a sua mente quando você pensa em “terrorismo”.

Por se tratar de um tema delicado devido ao momento atual da Turquia e por se tratar de uma amostra escolarizada, optou-se que as evocações fossem escritas pelos participantes para que eles se sentissem mais a vontade de relatarem o que realmente pensam. Para que o efeito de ordem fosse minimizado, metade da amostra iniciou a atividade proposta pelo termo Islamismo e, na sequência, terrorismo. A outra metade recebeu os termos na ordem inversa.

Nenhum participante apresentou dificuldades de compreensão das instruções, no entanto muitos participantes turcos desistiram de continuar a pesquisa por alegarem que seria arriscado participar de uma atividade com esse tema, dado o difícil momento político enfrentado na Turquia. Alguns participantes alegavam ainda não acreditarem que a pesquisadora realmente estava desenvolvendo um trabalho acadêmico, apesar dos documentos que comprovassem tal função.

2.2.3 Análise dos dados

Na análise do tratamento dos dados, o SSA (*Similarity Structure Analysis*) foi aplicado com o intuito de avaliar o grau de intercorrelações entre as categorias na composição da estrutura dos conceitos. A partir dessas análises escalonares multidimensionais (MDS) pode-se retratar a estrutura dos dados em um modelo espacial, sendo a representação espacial da estrutura dos dados o elemento essencial da definição do método de escalonagem multidimensional (YOUNG, 1987).

Em um espaço euclidiano, de dimensionalidade mínima, se é possível visualizar uma representação geométrica dos dados da pesquisa. Utiliza-se, então, pontos para representar graficamente as categorias. Quanto mais próximos estiverem os pontos, maior é a correlação entre as categorias por eles representadas e vice-versa (GUTTMAN, 1968; YOUNG, 1987). Também se foi utilizado o Método de variáveis externas como pontos, visando estabelecer a correlação existente entre a estrutura conceitual encontrada e as variáveis externas (COHEN; AMAR, 1999; ROAZZI; DIAS, 2001).

Como perspectiva teórica, utilizou-se a Teoria das Facetas, uma vez que as variáveis são consideradas como inter-relacionadas e não como entidades discretas isoladas entre si. Dessa forma, define-se qual é a estrutura subjacente aos dados, nesse caso as categorias produzidas na associação livre. Na sequência, analisa-se de que forma as variáveis independentes (variáveis externas) estão relacionadas com essas estruturas (não as variáveis dependentes isoladas). Assim, apenas um único mapa integrado representa ao mesmo tempo a estrutura das categorias e os subgrupos- variáveis externas (ROAZZI, 1995; ROAZZI; DIAS, 2001).

2.3 RESULTADOS DO MANUSCRITO I

Inicialmente, listou-se todas as palavras ou expressões evocadas pelos participantes na aplicação da associação livre para que os dados pudessem ser analisados. Ao que se refere à amostra turca, verificou-se empiricamente a presença de 20 categorias na representação social de “terrorismo” e 19, em relação ao “Islamismo”. Já a amostra brasileira produziu 19 categorias na representação social de “terrorismo” e 21 na de “Islamismo”. Ao serem agrupadas a partir da similaridade dos significados, 15 categorias de análise mais evidentes foram selecionadas a partir de cada representação social.

Encontram-se descritas detalhadamente no apêndice A a análise qualitativa dos dados, tomando como referência o relato verbal dos participantes para a apreensão dos significados das categorias.

Na Tabela 2, é possível observar as categorias alocadas e a porcentagem de resposta em relação à representação social de turcos e brasileiros em relação ao terrorismo.

Tabela 2 - Porcentagem de cada categoria dos universitários turcos e brasileiros em relação a representação social do “terrorismo”.

Turquia	%	Brasil	%
1 Morte	29	1 Morte	35
2 Manipulação	25	2 Guerra	20
3 Divisão	14	3 Medo	17
4 Destruição	12	4 <u>Islamismo</u>	17
5 Maldade	12	5 Violência	17
6 Guerra	12	6 Bombas	17
7 Ódio	12	7 Fanatismo	10
8 Organizações	12	8 Estado Islâmico	07
9 Massacre	11	9 Tristeza	07
10 Explosão	11	10 Estado Unidos	06
11 Violência	11	11 Pessoas inocentes	06
12 Pessoas inocentes	08	12 Destruição	06
13 Medo	08	13 Caos	04
14 Caos	08	14 Maldade	04
15 Desumanidade	06	15 Oriente Médio	04

Observa-se que, apesar de apresentarem porcentagens diferentes, algumas categorias fizeram-se comuns às duas amostras: morte, maldade, destruição, guerra, pessoas inocentes, violência, caos e medo. Como categorias inéditas na amostra brasileira encontram-se Islamismo (17%), fanatismo (10%), bombas (17%), Estado Islâmico (7%), Oriente médio (4%), Estados Unidos (6%) e tristeza (7%). Já a amostra turca representou o terrorismo nas categorias inéditas de ódio (12%), divisão (14%), explosão (11%), massacre (11%), manipulação (25%), organizações (12%) e desumanidade (6%).

A Figura 1 representa essas análises, apresentando a representação espacial da organização estrutural do conceito “terrorismo” para a amostra turca e sua inter-relação com as variáveis externas de sexo, idade, nível socioeconômico, religião e área do conhecimento.

Pode-se observar que várias categorias aparecem muito próximas: “organizações”, “destruição”, “massacre”, “explosão”, “caos”, “guerra”, “pessoas inocentes”, “medo”,

“maldade”, “ódio”, “divisão”, “violência”, “desumanidade”. Apenas duas categorias aparecem um pouco mais afastadas desse aglomerado: “manipulação” e “morte”. Ao que se refere às variáveis externas, evidencia-se uma proximidade considerável entre “masculino” e “feminino”. A variável externa “islamismo” se encontra afastada da maioria das categorias da associação livre do terrorismo, sendo a categoria “manipulação” a mais próxima dessa variável.

Figura 1 - Análise SSA das categorias sobre o terrorismo da amostra **turca** usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (2: até 1 salário mínimo e de 1 até 6 salários mínimos), religião (2: islamismo e ateísmo), e área do conhecimento (2: Humanas e Exatas) (Coordenada 1 versus 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.15).

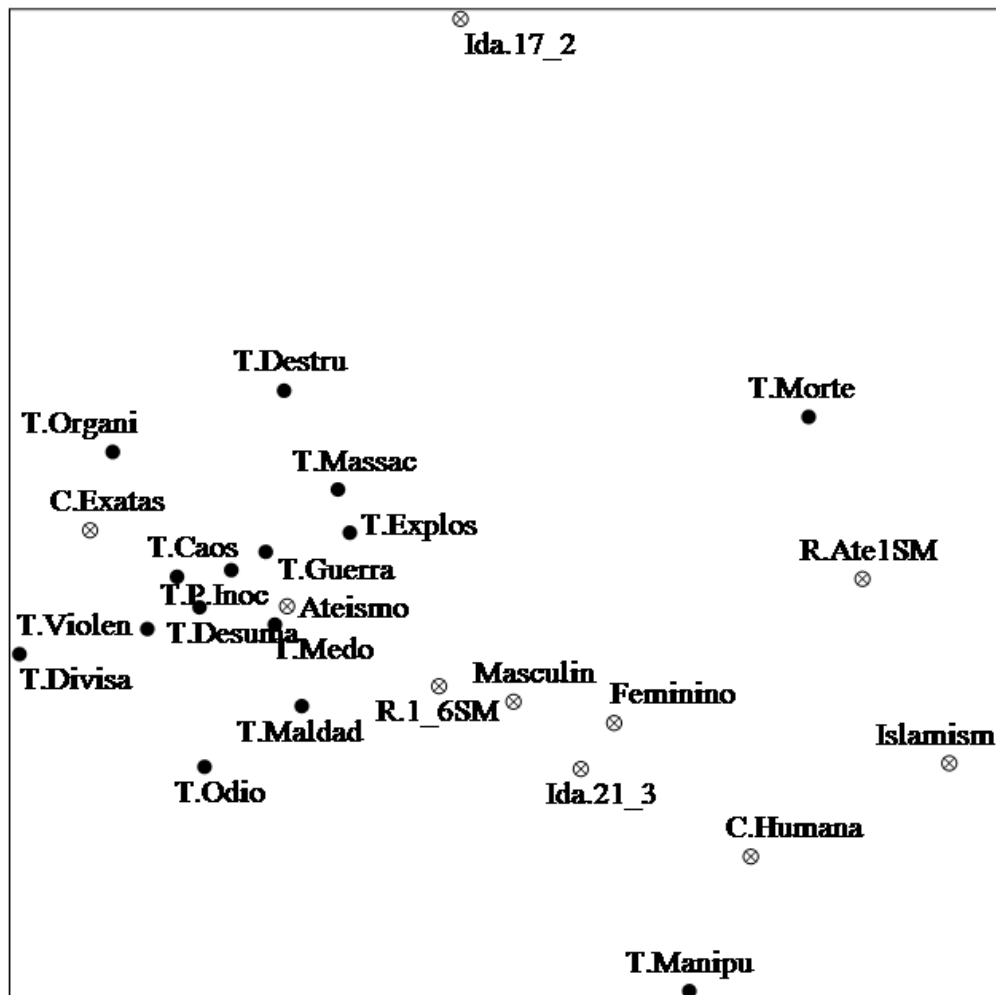
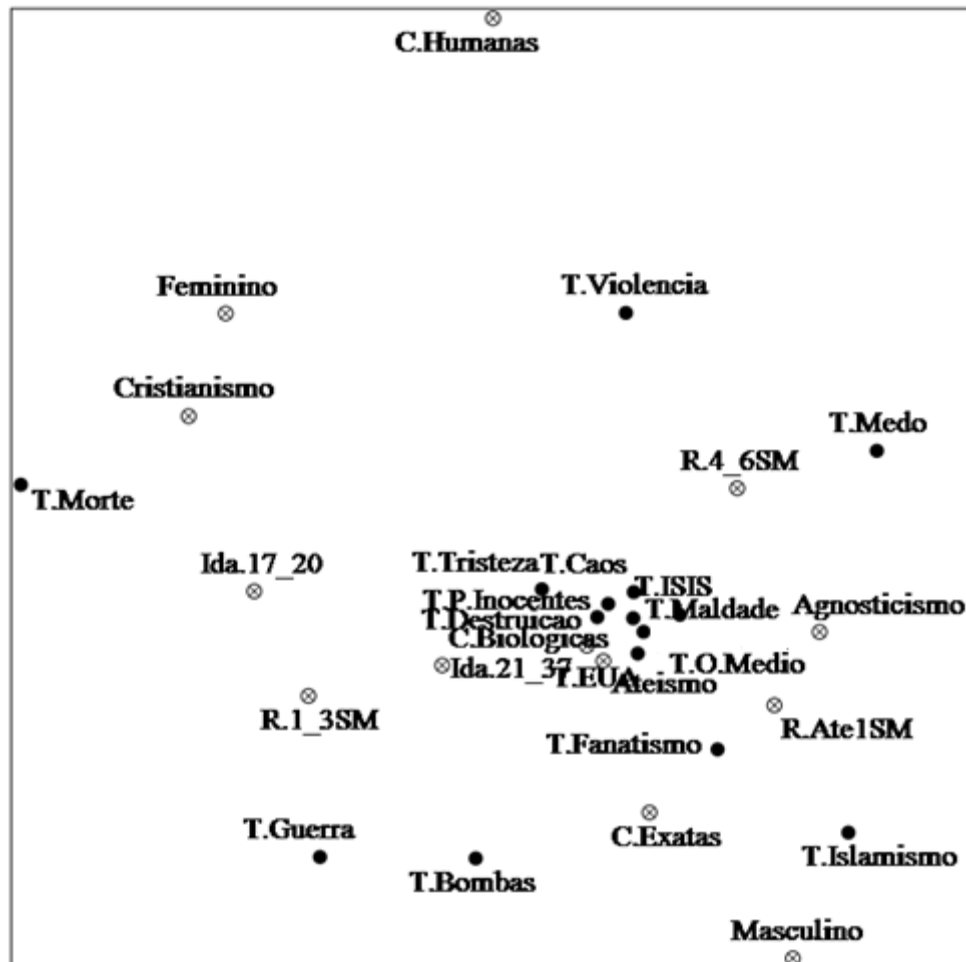


Figura 2 - Análise SSA das categorias sobre o terrorismo da amostra **brasileira** usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (3: até 1 salário mínimo, de 1 até 3 salários mínimos, de 4 até 6 salários mínimos), religião (2: cristianismo e Ateísmo), e área do conhecimento (3: Humanas, Exatas, Biológicas) (Coordenada 1 *versus* 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.11).



Na Figura 2, referente à amostra brasileira, observa-se que o terrorismo foi representado pela categoria “islamismo”. A categoria que mais se aproxima desse item é “fanatismo”. As categorias “bomba”, “guerra”, “morte”, “violência” e “medo” encontram-se um pouco mais dispersas do aglomerado de categorias que se formam na Figura 2: “Oriente médio”, “maldade”, “Estado Islâmico”, “caos”, “tristeza”, “pessoas inocentes”, “destruição” e “Estados Unidos”. A variável externa “ateísmo” mostra-se misturada nesse aglomerado, enquanto que a variável externa “cristianismo” se apresenta afastada da maioria das categorias, em especial ao “islamismo”. “Masculino” e “feminino” são variáveis externas que possuem uma distância considerável entre si.

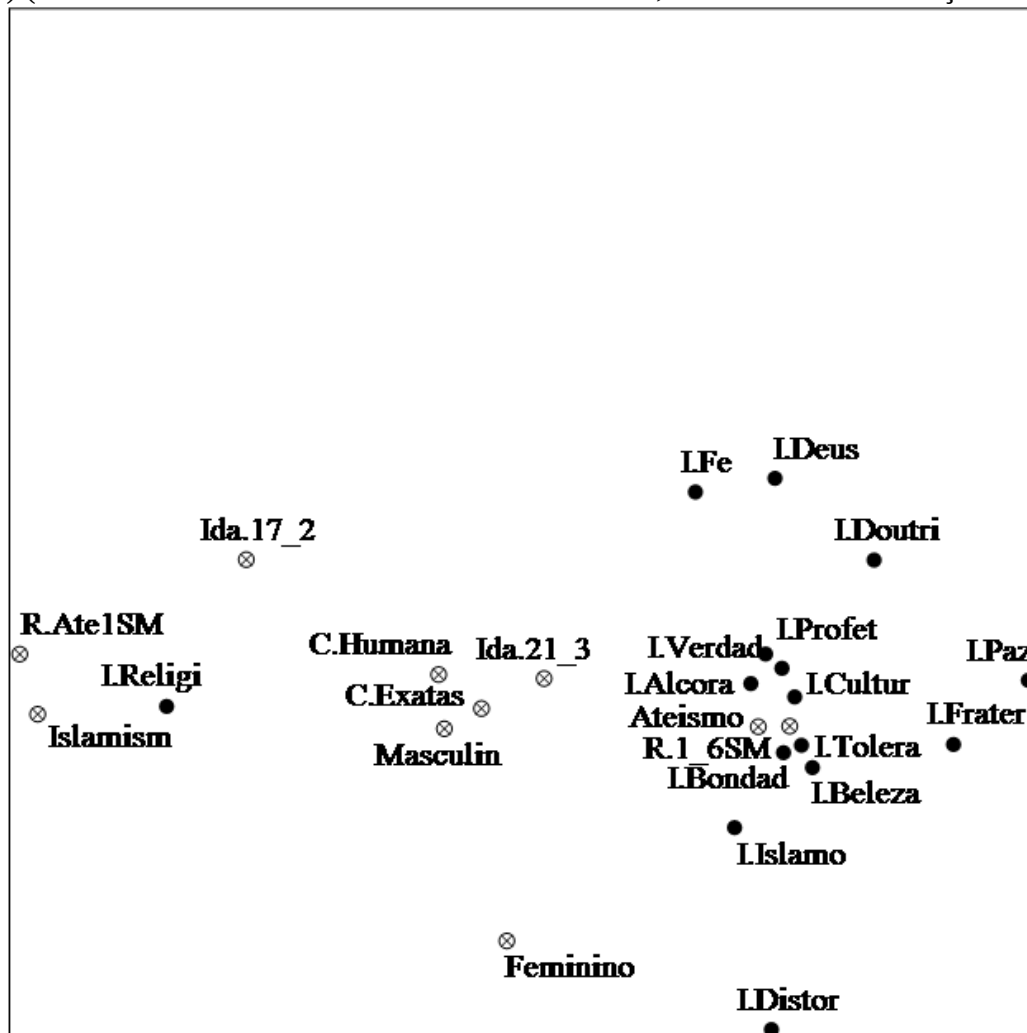
Na Tabela 3, semelhantemente, encontram-se as categorias alocadas e a porcentagem de resposta em relação a representação social de turcos e brasileiros em relação ao Islamismo.

Tabela 3 - Porcentagem de cada categoria dos universitários **turcos** e **brasileiros** em relação a representação social do “**Islamismo**”.

Turquia	%	Brasil	%
1 Religião	40	1 Religião	43
2 Distorção	23	2 <u>Terrorismo</u>	23
3 Deus	22	3 Fanatismo	20
4 Paz	18	4 Véu	13
5 Doutrina	17	5 Machismo	13
6 Fé	17	6 Oriente Médio	13
7 Islamofobia	14	7 Alá	10
8 Fraternidade	14	8 Guerra	09
9 Alcorão	11	9 Maomé	09
10 Beleza	11	10 Fé	07
11 Bondade	11	11 Bomba	07
12 Tolerância	09	12 Muçulmano	06
13 Profeta	09	13 Alienação	04
14 Verdade	06	14 Cultura	04
15 Cultura	03	15 Mesquita	04

Como categorias similares, ou seja, que apareceram em ambas as amostras, tem-se: religião, Deus/Alá, fé, Maomé/profeta e cultura. Os universitários brasileiros representaram o Islamismo também através das categorias inéditas: terrorismo (23%), fanatismo (20%), véu (13%), machismo (13%), Oriente médio (13%), guerra (9%), bomba (7%), muçulmano (6%), alienação (4%), e mesquita (4%). Já os turcos representaram o islamismo através dos itens exclusivos: distorção (23%), doutrina (17%), paz (18%), bondade (11%), islamofobia (14%), Alcorão (11%), beleza (11%), tolerância (9%), verdade (6%) e fraternidade (14%).

Figura 3 - Análise SSA das categorias sobre o islamismo da amostra **turca** usando o coeficiente de Jaccard, considerando como variáveis externas sexo (2: masculino e feminino), idade (2: 17-20 anos, 21-37 anos), nível socioeconômico (2: até 1 salário mínimo e de 1 até 6 salários mínimos), religião (2: islamismo e ateísmo), e área do conhecimento (2: Humanas e Exatas) (Coordenada 1 *versus* 2 da análise tridimensional, Coeficiente de alienação: 0.14).



Baseando-se ainda na Teoria das Facetas, tem-se a Figura 3 demonstrando a representação espacial da organização estrutural do conceito “islamismo” para a amostra turca e sua inter-relação com as variáveis externas de sexo, idade, nível socioeconômico, religião e área do conhecimento.

É interessante observar que a categoria mais próxima de “distorção” é “islamofobia”. “Religião” é a categoria que aparece mais isolada de todas as outras. “Beleza”, “tolerância” e “bondade” aparecem muito próximas, assim como “alcorão”, “profeta”, “cultura” e “verdade”. “Deus”, “fé”, “doutrina”, “paz” e “fraternidade”, ainda que um pouco mais

2.4 DISCUSSÃO MANUSCRITO I

A organização estrutural da representação social do conceito “Islamismo” e terrorismo” foi investigada nessa pesquisa entre universitários turcos e brasileiros e a relação da nacionalidade com essa estrutura. A partir das análises, assume-se que, muitas vezes, as categorias empregadas por um sujeito, com uma história, nacionalidade, tempo e lugar são representativas do seu grupo social.

Objetificando-se investigar de forma empírica a estrutura dos conceitos, utilizou-se uma metodologia “êmica” geralmente utilizada em estudos na área da antropologia cognitiva, partindo-se do pressuposto que o entendimento que um sujeito possui de um objeto só pode ser acessado considerando-se o contexto social, suas características e princípios culturais os quais ele está inserido (JOVCHELOVITCH, 2001).

Com base nos resultados já apresentados, encontrou-se uma forte correspondência entre os conceitos de “terrorismo” e “Islamismo” na amostra brasileira. O item Islamismo foi um dos mais citados (17%) pelos brasileiros na atividade de associação livre do terrorismo. Já o item terrorismo foi o segundo mais citado (23%) na atividade de associação livre do Islamismo, na mesma amostra. Na Figura 2 evidencia-se que o “Islamismo” aproximou-se do item “fanatismo” na representação do conceito de terrorismo pelos brasileiros. Também na Figura 4, observa-se que o “terrorismo” encontra-se próximo ao item “fanatismo” na representação do conceito Islamismo pelos brasileiros. É possível, então que o terrorismo seja encarado como um ato de fanatismo dos fiéis islâmicos.

Apesar de ser possível que se haja o conhecimento por parte dos universitários brasileiros de que não é verdade que todos os muçulmanos sejam terroristas, sugere-se que para essa amostra a maioria dos atentados terroristas é realizado majoritariamente por muçulmanos. Informações como essas estão muito vinculadas ao que é se é apresentado pela mídia ocidental que parece nomear apenas como “terrorismo” atentados praticados por árabes ou muçulmanos. As explosões causadas por países não-islâmicos no Oriente Médio, por exemplo, dificilmente são retratadas como atos terroristas.

Além disso, percebe-se uma tendência à culpabilização de todo um povo, etnia ou religião quando a ação terrorista é executada por indivíduos que se nomeiam islâmicos ou mesmo árabes. Quando atos similares são realizados por indivíduos fora desse “padrão de

terrorista esperado socialmente”, tende-se a culpabilizar apenas o indivíduo por tal prática, preservando assim a sua religião, país ou etnia de qualquer culpa ou influência efetiva.

Dessa forma, essa forte associação do Islamismo com o terrorismo, na amostra brasileira, pode ser decorrente do conhecimento limitado sobre o tema, como aponta Warner (2015), o qual tem a mídia como a sua principal fonte de informação. A falta de contato diário com o Islamismo pode ser explicada pelos marcadores sociais que afirmam que no Brasil em 2010, por exemplo, 90,1% da sua população se declaravam cristã (CIA WORLD FACTBOOK: BRAZIL, 2017).

Pode-se observar ainda na amostra brasileira que a categoria “véu” associa-se à categoria “machismo” (Figura 4). É possível, concluir, então, que o uso desse adereço religioso feminino foi encarado pelos universitários brasileiros como uma evidência do machismo. Supõe-se que as mulheres muçulmanas, então, são tidas como vítimas do machismo, tendo o véu islâmico, o *hijab*, como uma das suas expressões.

O Islamismo pode ser tido por essa amostra como uma religião machista, que subtrai os direitos femininos, pois é do conhecimento do Ocidente que há lugares nos quais as mulheres são obrigadas a se cobrirem, independentemente da sua escolha ou religião, à exemplo da Arábia Saudita. Apesar de, possivelmente, existirem muçulmanas em todos os países do mundo que escolhem ou não se cobrirem, os exemplos mais impactantes são geralmente os mais expostos na mídia, o que pode levar a uma suposição de que todos os indivíduos do mesmo grupo religioso se comportam de forma igual.

Visões estereotipadas, segundo Fiske e Taylor's (1984), seriam construídas pela falta de informação oriunda do ambiente ao qual o indivíduo está inserido, o que pode ajudar na compreensão dos resultados dos universitários brasileiros, uma vez que no Brasil o contato com mulheres muçulmanas, com ou sem *hijab*, é bastante limitado. É importante ponderar também que nesse contexto nacional o uso de roupas menos modestas é visto como um símbolo de empoderamento feminino e liberdade. O que se opõe a isso, então, pode ser encarado com estranheza ou opressão.

As representações sociais dos universitários turcos, no entanto, apontou outro caminho. A segunda categoria mais evocada na associação livre do Islamismo foi “distorção, mostrando-se muito associada à “islamofobia” (Figura 3). É possível deduzir, então, que os

universitários turcos compreendem que a islamofobia é uma consequência da distorção da religião islâmica.

Atributos como “paz”, “bondade”, “beleza”, “tolerância”, “verdade” e “fraternidade” foram evocados na associação livre dos universitários turcos, evidenciando que essa é a maneira pela qual eles encaram o Islamismo.

Ainda quanto a amostra turca, observa-se na Figura 1 que as categorias que aparecem mais próximas da variável externa “Islamismo” são “manipulação” e “morte”, evidenciando que os muçulmanos que compuseram a amostra associaram mais fortemente esses itens ao Islamismo. É possível que tal associação se dê pelo fato de o terrorismo ser entendido, pelos participantes, como uma “manipulação” da religião islâmica que ocasiona muitas “mortes”, em especial a dos próprios muçulmanos. A proximidade entre as variáveis externas “masculino” e “feminino” indica que o sexo não possui muita relevância para a estrutura simbólica desses participantes.

2.5 CONCLUSÃO MANUSCRITO I

Diante do exposto, conclui-se que os significados atribuídos ao Islamismo e terrorismo estão fortemente relacionados ao fator nacionalidade, evidenciando uma prevalência de referenciais diferentes oriundos de vivências culturais distintas. Diferentes tipos de racionalidade estão presentes em um mesmo sujeito, a depender da situação em que ele se encontra, como classe social e cultura (Moscovici 1989, citado por Jovchelovitch, 2001). Para se compreender, então, as representações sociais de um povo, deve-se englobar uma realidade que compreenda as dimensões físicas, sociais e culturais (MOSCOVICI 1989 apud GUARESCHI 1995).

Especificamente nesse manuscrito, a amostra brasileira demonstrou uma associação entre os itens Islamismo e terrorismo. Esse padrão não pôde ser observado na amostra turca, que representou o Islamismo através de outras categorias, tais como “paz”, “bondade”, “beleza”, “tolerância”, “verdade” e “fraternidade”, por exemplo.

3 ESTUDO EXPLORATÓRIO DA CONCEITUALIZAÇÃO DO ISLAMISMO E TERRORISMO EM UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS

3.1 INTRODUÇÃO DO MANUSCRITO II

Uma das formas de se organizar o conhecimento simbólico é através dos conceitos, que são uma maneira de compreender o mundo a partir de uma representação mental de um objeto ou um estímulo novo. A partir do conhecimento prévio do sujeito, e ao interagir com um novo objeto, a informação nova transforma-se em uma unidade conceitual que será representada por um termo com o objetivo de comunicação (LIMA, 2007, 2010; STERNBERG, 2010). O indivíduo, então, elabora um sistema de conceitualizações, com uma ênfase na construção ativa da realidade e atribuição de significados (ROAZZI, ANDRADE; CARVALHO, 2002).

As categorias mentais são os agrupamentos desses conceitos (ideias, objetos, ações, entre outros) a partir das suas semelhanças, equivalência e características comuns. Um estímulo pode ser ao mesmo tempo uma categoria e um conceito de uma categoria. Gato, por exemplo, pode ser uma categoria, tendo em vistas as muitas espécies de gatos existentes, mas também pode ser um conceito da categoria animal (STERNBERG, 2010).

O processo da categorização é tão importante que se defende que não há nada mais básico do que a categorização para outros processos cognitivos, como a percepção, o pensamento e o discurso (LAKOFF, 1987). Além disso, categorizar auxilia na construção de uma ordem física e social no mundo (JABOB; SHAW, 1998), facilitando o armazenamento e a recuperação das informações, aliviando a demanda da memória e relacionando-se à capacidade de aprender.

Além da função de classificar, a categorização permite que o sujeito faça prognósticos a respeito do futuro e diminui a necessidade armazenar todos os fatos e suas possibilidades, pois pode-se inferir das informações já armazenadas (MEDIN; ROSS, 1996). O processo de categorização só é possível porque há uma interação do sujeito com o ambiente. Sem essa interação, não faria sentido que o humano categorizasse. Dessa forma, a depender do ambiente no qual o indivíduo está inserido, a maneira pela qual ele categorizará pode mudar (LIMA, 2007, 2010).

Essas categorias ou repertórios de conhecimento geram expectativas e funcionam como um guia para determinar que comportamentos se encaixarão ou não dentro da classe em questão. A percepção social é, então, extremamente influenciada pelo pensamento categórico. Uma série de inferências, julgamentos, impressões e visões estereotipadas podem ser evocados quando uma determinada categoria é ativada (PEREIRA, 2008).

Vygotsky (1962) se propôs a estudar os sistemas de categorização para compreender as habilidades cognitivas. O teórico entendia que o ato de categorizar o mundo em objetos, eventos, propriedades, entre outros, era primordial para o desenvolvimento cognitivo.

Piaget (1971, 1973, 1977), por sua vez, referia-se a esquemas mentais. Os sujeitos, assimilariam as novas informações do meio aos esquemas mentais existentes. Quando esses esquemas, no entanto, não eram capazes de assimilar determinada entidade do meio, o organismo (a mente) desistiria ou se modificaria. A acomodação ocorre com a modificação mental, que é a reestruturação da estrutura cognitiva (esquemas de assimilação existentes). O processo de acomodação dá origem, então, a novos esquemas de assimilação. O desenvolvimento cognitivo se daria a partir da acomodação e a adaptação seria o equilíbrio entre o processo de assimilação e acomodação.

3.1.1 Representações Sociais

A categorização, além de ser a base para outros processos cognitivos, também possibilita a existência das Representações Sociais. Moscovici (1961) ao trazer esse conceito na psicologia, considera-as maneiras singulares e específicas de expressar o conhecimento de uma sociedade e dos grupos que a compõe. Esses saberes do senso comum são formas de pensar e interpretar a realidade cotidiana (JODELET, 1989), formulados nas práticas sociais por meio da comunicação. A linguagem, então, é tida como o mediador que auxilia na construção do conhecimento social de modo compartilhado (MENEZES, 2011). Assim como essencial para a transmissão cultural, a linguagem também se constitui significativa na construção das representações.

Os eventuais conteúdos e organização das representações são determinados quando se coloca as pessoas em grupos sociais. O sentimento de pertencimento a um grupo, de identidade pessoal, de representação do *self* são decorrentes das representações sociais. Por meio dos conhecimentos compartilhados das representações sociais, as pessoas filtram as informações que recebem do meio, dando sentido à realidade, servindo de explicação,

compreensão e desenvolvimento do “real” (ROAZZI, SOUZA; ROAZZI, 2015). As representações expressam a relação do sujeito com o mundo por ele conhecido, como também o situam nesse mundo (DUVEEN, 2001).

A composição dos variados saberes do senso comum, originários nas trocas cotidianas e nos intercursos dialógicos, é o que dá origem às representações sociais (BERGER; LUCKMANN, 1985). Esse complexo fenômeno situa-se na interface entre a comunicação, o pensamento e os fenômenos sociais e cognitivos e é responsável pela orientação dos sujeitos no espaço social.

As representações sociais se localizam no universo consensual que, ao lado do universo científico, compõe as duas formas de produção e a difusão do conhecimento em uma sociedade. O universo consensual se dá no contexto das conversas informais e nas relações do cotidiano, nas quais todos os sujeitos são vistos como iguais e podem externalizar de forma livre as suas ideias, pensamentos, teorias, em seu próprio nome ou no nome do grupo ao qual ele é pertencente. As representações sociais, entendidas como conhecimento social não-científico, baseiam-se em valores, crenças e imagens, recriando antigas formas de saber dentro de um contexto sociocultural (TAISSUN, 2014).

No universo científico apenas especialistas têm direito à voz, apropriando-se de uma linguagem própria e específica. Esse universo vale-se da objetividade, pensamento erudito, rigor lógico e metodológico, novas invenções e desenvolvimento técnico (OSTI; SILVEIRA; BRENELLI, 2013). Ambos os universos, apesar de se oporem, também se complementam e são fundamentais para a vida humana (ARRUDA, 2002), além de simultaneamente moldarem a realidade.

O estabelecimento de conexões entre o saber abstrato, as crenças e a vida concreta do sujeito é permitido pelas representações sociais, uma vez que elas funcionam como um elo que une o real, o psicológico e o social. Estudá-las vai além da compreensão sobre o que o indivíduo pensa sobre um determinado objeto, que possui um valor social evidente e relevante, mas também abarca o entendimento de como e porque esse sujeito pensa dessa forma (ROAZZI; FEDERICCI; WILSON, 2001). Figuras e expressões socializadas estão presentes em todas as representações e essas preparam os sujeitos para a ação, guiando os seus comportamentos (OSTI; SILVEIRA; BRENELLI, 2013).

Em razão disso, esferas da sociedade podem ser alvos de preconceitos e estereótipos danosos originários das representações sociais. De fato, tais estereótipos são decorrentes de representações fortemente ancoradas socialmente e, por isso, provavelmente cumpre uma função de legitimação social (SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998).

Para Moscovici (1984), ao que se refere à cognição social, os estereótipos resultam de um viés, ou seja, a impermeabilidade à informação. Geralmente, para o campo de conhecimento da cognição social, o ato de estereotipar refere-se à um processo de funcionamento cognitivo do pensamento categórico normal.

Alguns autores, no entanto, consideram o estereótipo como uma entidade cognitiva anormal ou uma crença exagerada (ALLPORT, 1954), além de resultar de uma distorção da percepção correta dos estímulos ambientais (HAMILTON, 1979). Já para Tajfel (1969), que criticou todas essas abordagens, os estereótipos seriam processos cognitivos completos. Mas, mesmo que se foque na dimensão cognitiva dos estereótipos, é necessário que se contextualize os processos subjacentes, bem como que se explique sua inserção nas dinâmicas sociais (SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998). As representações sociais e os estereótipos, apesar de serem dois campos diferentes de estudo, se relacionam. Uma das funções das representações é perpetuar e justificar a diferencial social e, assim como os estereótipos, pode desencadear discriminações ou manter uma distância social entre os grupos (ABRIC, 1994).

Fiske e Taylor's (1984) defendem que estereótipos não se baseiam em um excesso de informação oriunda do ambiente no qual o indivíduo está inserido, mas sim na falta de informação. Uma vez que uma das funções do estereótipo é justificar crenças, especialmente aquelas pertencentes aos grupos sociais, sabe-se que a estabilidade de um estereótipo não se refere apenas à cognição, mas também à função que ele desempenha na sociedade.

O consenso nas representações sociais é constantemente questionado, no que se refere ao nível de partilha de uma determinada representação do objeto em um determinado grupo social, que possibilitaria, dessa forma, que comparações das representações de diferentes grupos sobre um mesmo objeto fosse viável (e.g., GALLI; NIGRO, 1986; LE BOUEDEC, 1979; MONTEIRO; ROAZZI, 1987; NIGRO; GALLI, 1988; ROAZZI, 1999A; ROAZZI, 1999B; ROAZZI; MONTEIRO, 1991, 1995; ROAZZI; FEDERICCI; CARVALHO, 1999).

A Teoria das Facetas de Guttman (1954, 1965) mostra-se como um meio interessante de se investigar os conceitos de Islamismo e terrorismo. Tal técnica pode ser encontrada nos estudos da estrutura da inteligência e das ciências sociais e comportamentais. O autor (1965) defende que as facetas são variáveis perceptuais ou semânticas decorrentes da nossa percepção ou pensamento sobre uma coleção de fatores. Um construto, então, pode ser definido a partir da coleção de todas essas facetas, pois cada uma refletirá uma unidade indispensável do universo de variáveis desse construto. O referencial metateórico da Teoria das Facetas possibilita uma descrição fidedigna, evitando a perda de elementos qualitativos dos dados de análise (BRANDÃO; ROAZZI, 2004).

No presente estudo, para se acessar a representação do Islamismo e terrorismo, utilizou-se a evocação de atributos, objetivando averiguar a conceitualização dessas palavras por universitários brasileiros e turcos. Por se tratar de uma metodologia exploratória, escolheu-se o uso de métodos de análise multidimensionais, pois esses propiciam a expressão mais fidedigna do pensamento dos participantes, evitando-se vieses que poderiam interferir nas análises. A utilização de tais análises não-métricas é baseada nos processos de categorização. A emergência dos conceitos, bem como as suas relações é permitida pelas análises multidimensionais, pois há a possibilidade de conversão distâncias e similaridades psicológicas em distâncias euclidianas (ROAZZI, 1995).

3.2 MÉTODO DO MANUSCRITO II

3.2.1 Participantes

Inicialmente participaram 134 estudantes universitários, descritos no Manuscrito I. Em um segundo momento, 30 estudantes universitários contribuíram para a pesquisa, sendo 15 turcos (com idade média de 22,73 anos e DP= 2,463) e 15 brasileiros (com idade média de 22,60 anos e DP= 4,823) residindo em seus respectivos países.

A partir dos dados obtidos através do questionário sociodemográfico, mediante as análises estatísticas de distribuição de frequência realizadas pelo SPSS, foi elaborada a Tabela 4 com os perfis dos dois grupos de participantes.

Tabela 4 - Perfil sociodemográfico da amostra dos universitários brasileiros e turcos.

Dados sociodemográficos	Distribuição			
	Brasil		Turquia	
	N	%	N	%
Participantes	15	100	15	100
Sexo				
Feminino	7	46,7	7	46,7
Masculino	8	53,3	8	53,3
Idade				
Entre 17- 20 anos	8	53,3	2	13,3
Entre 21-37 anos	7	46,7	13	86,7
Renda Familiar Per capita				
Até 1 salário mínimo	8	53,3	11	73,3
Entre 1 e 3 salários mínimos	4	26,7	4	26,7
Entre 4 e 6 salários mínimos	3	20		
Escolaridade				
Graduação	13	86,7	14	93,3
Mestrado	2	13,3	1	6,7
Área do conhecimento				
Ciências Humanas	3	20	6	40
Ciências Exatas	7	46,7	8	53,3
Ciências biológicas	5	33,3	1	6,7
Relacionamento atual				
Solteiro	15	100	15	100
Casado				
Religiosidade				
Cristianismo	10	66,7		
Islamismo			12	80
Agnosticismo	3	20		
Ateísmo	1	6,7	1	6,7
Outro	1	6,7	2	13,3

3.2.2 Instrumentos e Procedimentos

A coleta de dados foi realizada em dois momentos distintos, a saber: Associação Livre e Classificação Livre. Na primeira fase, os participantes, após preencherem um questionário sociodemográfico (Apêndice B), escreveram o que lhes vinha à mente quando se deparavam com as palavras-estímulo islamismo e terrorismo. Os **15 itens** mais frequentes de cada conceito foram selecionados para que a segunda fase pudesse ocorrer. Além dos 15 itens mais frequentes de cada conceito, em ambos os países, serem selecionados para a fase seguinte, os itens “**Islamismo**” e “**terrorismo**” também foram adicionados. Como esses itens já estiveram presentes de antemão nas evocações espontâneas dos universitários brasileiros, selecionou-se 16 itens dessa amostra para que assim pudesse haver o mesmo número de itens nos dois países.

Na segunda etapa, após preencherem o mesmo questionário sociodemográfico, os voluntários formaram livremente, a partir desses itens, grupos ou categorias que dependiam das suas semelhanças e dissimilaridades, utilizando critérios próprios. Os voluntários podiam construir quantas categorias lhes fossem necessárias, contendo quantas palavras quisessem. Não sendo permitido, no entanto, o uso da mesma palavra duas vezes. Todos foram informados que tinham liberdade de modificar as categorias quantas vezes desejassem, bem como utilizarem de todo o tempo necessário para execução da tarefa.

Ao fim da classificação, os estudantes foram solicitados a verificarem se estavam satisfeitos com a organização das palavras em cada categoria, podendo ainda modificá-las, se assim desejassem. Também foi solicitado que o participante escrevesse os motivos ou o critério utilizado que o levou a formar cada grupo. É importante ressaltar em todas as etapas, para que o efeito de ordem fosse minimizado, metade da amostra iniciou a atividade proposta pelo termo Islamismo e, na sequência, Terrorismo. A outra metade recebeu os termos na ordem inversa.

3.2.3 Análise dos dados

Utilizando-se a “Análise da Estrutura de Similaridade” - *Similarity Structure Analysis* SSA (BORG; LINGOES, 1987; ROAZZI, 1995), por meio de tratamento estatístico do tipo multidimensional não-métrico, as inter-relações entre todas as variáveis puderam ser observadas. Os itens, de natureza nominal, mais recorrentes em ambos os países foram utilizados na construção de matrizes de associação de tipo triangular.

As células que compunham essas matrizes mostravam as frequências de classificação de cada item em relação a cada um dos outros itens. A computação da análise SSA foi realizada a partir de tais matrizes. Dessa forma, a estrutura conceitual das palavras-estímulo Islamismo e terrorismo pôde ser explorada detalhadamente, possibilitando-se a verificação empírica das relações internas nas facetas ou dimensões. Através da Teoria das Facetas, os resultados puderam ser interpretados, compreendendo-se a natureza qualitativa dos dados coletados.

3.3 RESULTADOS DO MANUSCRITO II

Após o término da primeira etapa, todas as respostas escritas, sem exceção, dos sujeitos foram coletadas e tabuladas em computador para que pudesse dar-se continuidade as análises estatísticas. Houve um grande dispêndio de energia e tempo para se cumprir essa tarefa devido ao grande número de palavras e expressões e formas verbais distintas. Quando as diferenciações das palavras diziam respeito a plural e singular ou verbos em diferentes tempos verbais, os itens foram agrupados na mesma categoria. As palavras selecionadas foram aquelas que foram evocadas em maior número de vezes, uma vez que elas eram as mais significativas nas populações pesquisadas em questão. Por meio do procedimento de levantamento de dados, as palavras mais frequentes em ambos os países foram listadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Palavras evocadas (%) pelos universitários turcos e brasileiros em relação ao Islamismo e Terrorismo

Islamismo				Terrorismo			
Turcos	%	Brasileiros	%	Turcos	%	Brasileiros	%
Religião	40	Religião	43	Morte	29	Morte	35
Crença/Fé	17	Fé	07	Maldade	12	Guerra	20
Alcorão	11	Cultura	04	Destruição	12	Medo	17
Cultura	03	Alcorão	04	Guerra	12	Violência	17
Distorção	23	<u>Terrorismo</u>	23	Violência	11	Destruição	06
Deus	22	Fanatismo	20	Caos	08	Pessoas Inocentes	06
Paz	18	Véu	13	Pessoas Inocentes	08	Maldade	04
Doutrina	17	Machismo	13	Medo	08	Caos	04
Islamofobia	14	OrienteMédi o	13	Manipulação	25	<u>Islamismo</u>	17

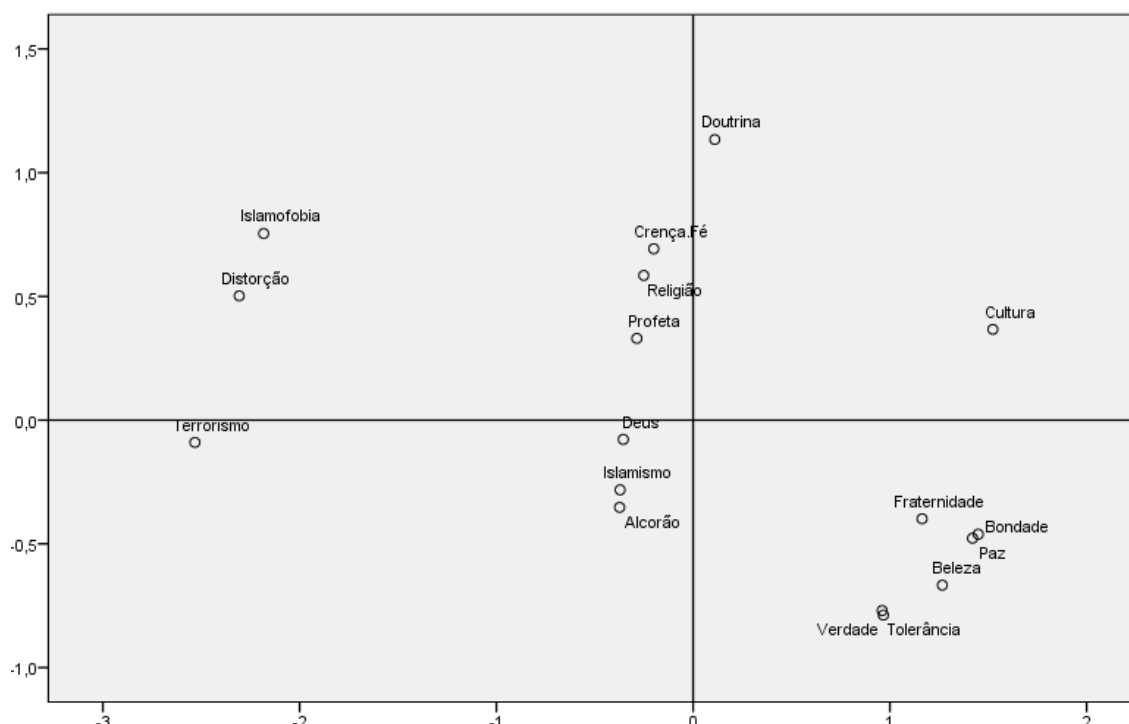
Fraternidad e	14	Alá	10	Divisão	14	Bombas	17
Beleza	11	Guerra	09	Ódio	12	Fanatismo	10
Bondade	11	Maomé	09	Organizações	12	Estado Islâmico	07
Tolerância	09	Bomba	07	Massacre	11	Tristeza	07
Profeta	09	Muçulmano	06	Explosão	11	Estados Unidos	06
Verdade	06	Alienação	04	Desumanidade	06	Oriente Médio	04
		Mesquita	04			11 de setembro	04

Como relatado anteriormente, os 15 itens mais frequentes de cada conceito, em ambos os países, foram selecionados. Além desses itens, os termos “terrorismo” e “Islamismo” foram induzidos na amostra turca. Como esses itens já estiveram presentes de antemão espontaneamente nas evocações dos universitários brasileiros, selecionou-se 16 itens dessa amostra para que assim pudesse haver o mesmo número de itens nos dois países.

Nessa etapa, sujeitos diferentes participam da atividade, uma vez que os participantes da primeira etapa, principalmente na Turquia, ofereceram resistência à participarem novamente do estudo. Totalizou-se 30 sujeitos, 15 em cada país. Calculou-se quantas vezes cada uma das palavras apareceram juntas, a partir dos grupos elaborados pelos participantes. Conseguiu-se, então, obter as distâncias entre as palavras e entre elas e os itens “Islamismo” e “terrorismo” em função das frequências pelas quais elas ocorrem nos grupos.

As correlações ou frequência de co-ocorrências são expressas graficamente por meio da técnica do SSA para análise dos dados em relação a similaridade e dissimilaridade entre os itens evocados. O espaço é dividido em regiões ou facetas que contém os itens mais relacionados entre si por meio da proximidade euclidiana. Um ponto, então, é a representação gráfica de cada item numa projeção bidimensional. Os itens e as regiões serão discutidos na sequência.

Figura 5 - SSA da Classificação livre na amostra **Turca** considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “**Islamismo**” (Projeção 2D, Stress = 0,09259, RSQ = 0,96797).



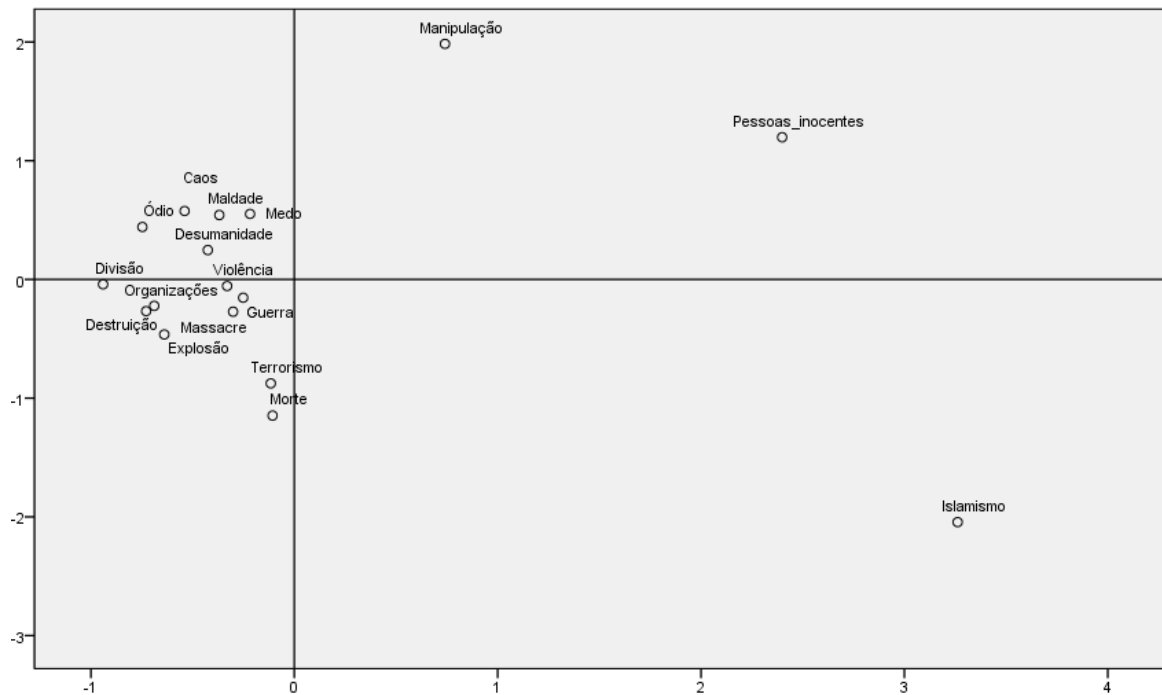
Na Figura 5 é possível observar a localização da palavra em questão Islamismo e, ao seu redor, as várias conceitualizações, em diferentes distâncias, a respeito dessa palavra. Pode-se, então, visualizar as representações e o relacionamento de todos esses itens. Partindo-se do princípio que as categorias possuem em sua estrutura as representações, os limites não são necessariamente precisos (MERVIS; ROSCH, 1981).

Observando-se, de forma geral, evidencia-se que os itens mais próximos da palavra Islamismo são Deus e Alcorão, significando-se que para os universitários turcos essas são as variáveis mais definidoras do Islamismo. Por outro lado, “terrorismo”, “islamofobia” e “distorção” são os itens que se encontram mais afastados da palavra Islamismo, constituindo-se como os conceitos menos relacionados e representativos.

Na primeira faceta, parte superior esquerda, encontram-se os itens “islamofobia” mais próximo ao item “distorção”, além dos itens “crença/fé”, “religião” e “profeta”, mais próximos entre si. Na segunda faceta, parte superior direita, é possível observar os itens “doutrina” e “cultura” não tão próximos entre si. Na terceira faceta, parte inferior esquerda, observam-se o item “terrorismo”, quase isolado, e os itens “Islamismo”, “Deus” e “Alcorão”,

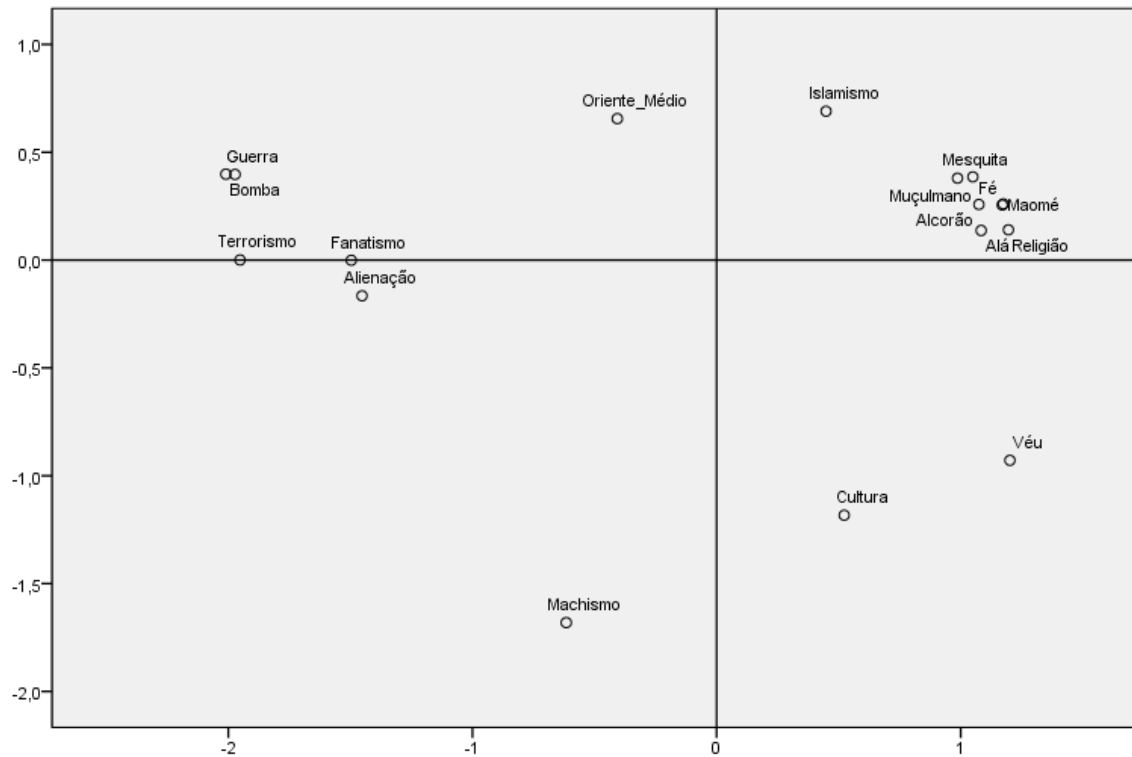
bem próximos entre si. Por fim, na quarta e última faceta, encontram-se os itens “fraternidade”, “bondade”, “beleza”, “verdade”, “tolerância” e “paz”.

Figura 6 - SSA da Classificação livre na amostra **Turca** considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “**Terrorismo**” (Projeção 2D, Stress = 0,11622, RSQ = 0,96837).



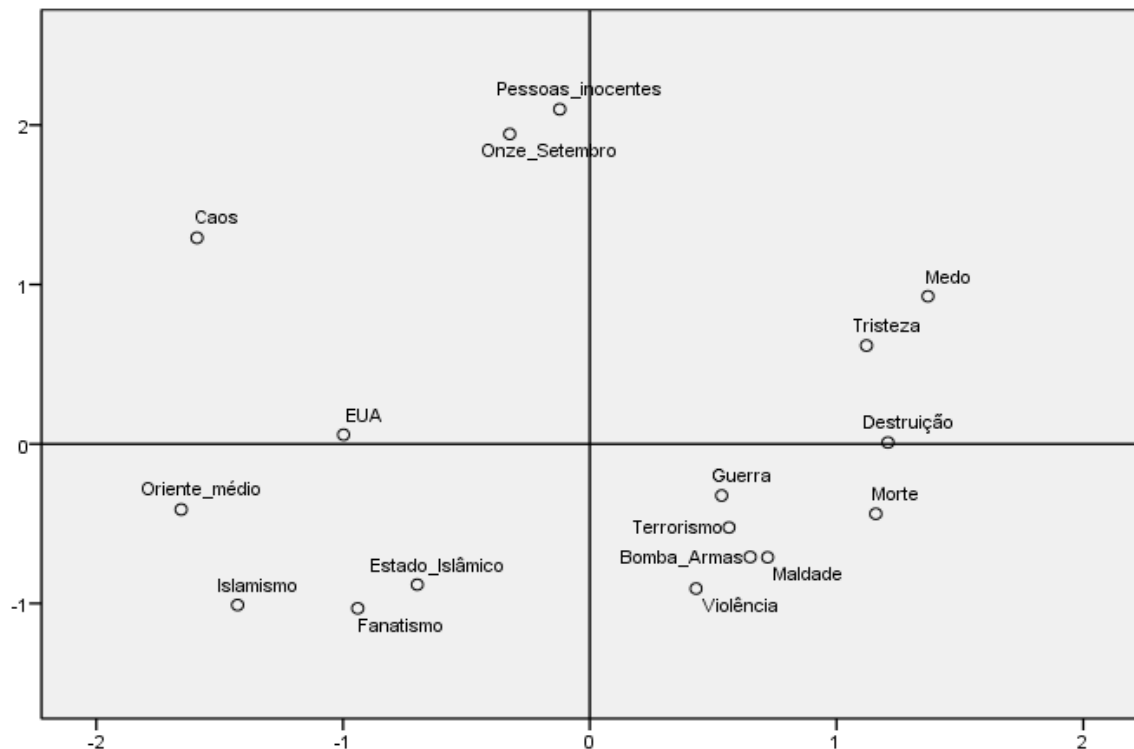
Quando a proposta apresentada aos universitários turcos foi a formação de grupos a partir dos itens evocados na associação livre do terrorismo, existe um distanciamento bastante expressivo da palavra “Islamismo” com as palavras bastante próximas do item “terrorismo”, tais como “caos”, “maldade”, “medo”, “ódio”, “desumanidade”, “violência”, “divisão”, “organizações”, “guerra”, “massacre”, “destruição”, “explosão” e “morte”. Essa representação gráfica evidencia a pouca associação dessas palavras em relação ao “Islamismo”, como pode ser visto na Figura 6. O item “pessoas inocentes” é o mais próximo da palavra “Islamismo”.

Figura 7 - SSA da Classificação livre na amostra **Brasileira** considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “**Islamismo**” (Projeção 2D, Stress = ,06933 RSQ = ,98209).



Islamismo aparece na Figura 7, que se refere a classificação livre da amostra brasileira em relação ao Islamismo, próximo aos itens “mesquita”, “fé”, “muçulmano”, “maomé”, “Alcorão”, “Alá” e “religião”. “Fanatismo”, “alienação”, “bomba” e “guerra” demonstram uma relação muito próxima com o “terrorismo”. O item “véu” e o item “machismo” são os mais próximos de “cultura”.

Figura 8 - SSA da Classificação livre na amostra **Brasileira** considerando os itens produzidos a partir da associação livre com a palavra “**Terrorismo**” (Projeção 2D, Stress = ,06929 RSQ = ,96392).



A Figura 8 evidencia a classificação livre dos brasileiros em relação ao terrorismo. Os itens mais próximos ao “Islamismo” foram “fanatismo”, “Estado Islâmico” e “Oriente Médio”. “Pessoas inocentes” se mostrou muito relacionado ao item “Onze de Setembro”. “Terrorismo” aparece muito associado a “bomba/armas”, “maldade”, “violência”, “morte” e “guerra”.

3.4 DISCUSSÃO DO MANUSCRITO II

Pode-se observar que nas classificações livres da amostra turca, há proximidade entre os itens “terrorismo”, “islamofobia” e “distorção” (Figura 5). Tal associação pode sugerir que o terrorismo é entendido como uma distorção da religião islâmica, o que culminaria em islamofobia. Dessa forma, muitas interferências, julgamentos e visões estereotipadas podem ser evocadas quando a categoria “islamismo” é ativada por pessoas que associam tal religião ao “terrorismo” (PEREIRA, 2008).

Além disso, o distanciamento expressivo da palavra “Islamismo” com as palavras bastante próximas do “terrorismo” tais como “caos”, “maldade”, “medo”, “ódio”, “desumanidade”, “violência”, “divisão”, “organizações”, “guerra”, “massacre”, “destruição”, “explosão” e “morte” (Figura 6) indica que os universitários turcos pouco associam o Islamismo ao terrorismo, em suas várias formas de se representar.

Já a aproximação do item “pessoas inocentes” e “Islamismo” (Figura 6) pode indicar que as pessoas inocentes vítimas de terrorismo fazem parte da religião islâmica. É possível que tal associação se deva ao fato que muitos muçulmanos foram vítimas do terrorismo na Turquia, palco desses eventos diversas vezes.

Quanto à amostra brasileira (Figura 7), o fato dos itens “véu” e “machismo” serem os mais próximos do item “cultura” pode indicar que o uso do véu islâmico por parte de algumas das mulheres muçulmanas é visto como uma expressão cultural machista. Tais exemplares da religião muçulmana podem, então, serem alvos de preconceitos e estereótipos que cumpre uma função social (SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998) na sociedade brasileira, onde, muitas vezes, o uso de roupas menos modestas é visto como uma prerrogativa de valorização e empoderamento feminino.

Um fator determinante na criação de tal estereótipo pode ser falta de informação (FISKE; TAYLOR’S, 1984) a respeito do estilo de vida que algumas muçulmanas escolheram para si, pois o Brasil é um país predominantemente cristão, com uma comunidade islâmica ainda muito inexpressiva. Além disso, geralmente apenas exemplos muito específicos são vinculados à mídia a respeito do uso do véu islâmico como, por exemplo, a existência de lugares nos quais as mulheres são obrigadas a utilizá-los independente da sua escolha pessoal ou religião.

Além disso, o fato de “pessoas inocentes” estarem relacionadas ao “onze de setembro” (Figura 8) refere-se ao atentado de importante impacto mundial ocorrido nos Estados Unidos em 2001, onde inúmeras pessoas inocentes foram mortas. Apesar de haver inúmeros atentados constantemente na região do Oriente Médio, tal item não foi também associado a “pessoas inocentes”. Ao “Oriente médio” foram associados “Estado Islâmico” e “Fanatismo”, o que transparece que tal região é predominantemente vista como autor dos atentados e não vítima, como a referência aos Estados Unidos, com o item “11 de setembro”.

É de conhecimento acessível às explosões causadas pelos Estado Unidos no Oriente Médio que resultam na morte de inúmeras pessoas inocentes. No entanto, como escrito no Manuscrito 1, quando atentados são realizados por indivíduos fora do padrão social de terrorista árabe e muçulmano, tende-se a culpabilizar apenas o indivíduo por tal prática, preservando assim a sua religião, país ou etnia de qualquer culpa ou influência efetiva.

Essa falta de associação do “Oriente médio” com “pessoas inocentes”, sou seja, pessoas vítimas de terrorismo, apesar dos recorrentes atentados na região, pode ser fruto do desinteresse midiático em evidenciar tais fatos na sua complexidade. A mídia, como pontua Warner (2015), é a principal fonte de informação quando se trata de atentados terroristas.

3.5 CONCLUSÃO DO MANUSCRITO II

Evidenciou-se que as amostras estudadas, brasileira e turca, atribuem significados diferentes a Islamismo e terrorismo. O fator nacionalidade, então, se mostra fortemente influenciador desses referenciais distintos.

Nesse manuscrito, por exemplo, na amostra turca, houve um distanciamento bastante expressivo entre os itens Islamismo e terrorismo, como também entre Islamismo e outras categorias bastante associadas ao terrorismo, tais como “caos”, “maldade”, “medo”, “ódio”, “desumanidade”, “violência”, “divisão”, “organizações”, “guerra”, “massacre”, “destruição”, “explosão” e “morte”. Já a amostra brasileira, além de não apresentar um distanciamento expressivo entre Islamismo e terrorismo, ainda associa de maneira mais forte “fanatismo”, “Oriente Médio” e “Estado Islâmico” a essa religião.

Apesar da forte influência da nacionalidade, sabe-se que existem pontos de “fratura” no sistema representacional de cada cultura, o que pode ocasionar a emersão de novas representações sociais a qualquer momento (MOSCOVICI, 2007).

4 ISLAMISMO E TERRORISMO: CLASSIFICAÇÃO DIRIGIDA ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E TURCOS.

4.1 INTRODUÇÃO DO MANUSCRITO III

Interpretar o que as informações do ambiente significam e, a partir disso, transformá-las em conhecimento é um dos principais artefatos da mente. Esse processo é facilitado a partir da estruturação dessa informação, da organização dessas ideias na memória semântica (LIMA, 2007, 2010). A capacidade de categorizar garante a sobrevivência da espécie humana, pois o organismo é apto a lidar com o que é esperado e plausível, representando o ambiente de maneira estável, além da plasticidade de responder de forma rápida às mudanças do ambiente (PEREIRA, 2008).

Esse processo cognitivo habitual e automático baseia-se no conhecimento prévio adquirido pelo sujeito. O indivíduo transforma a unidade de informação nova em uma unidade conceitual, que é representada por um termo. Há, então, a criação de um conhecimento novo, a partir do reconhecimento e do agrupamento das similaridades e das diferenças dos conceitos (LIMA, 2007, 2010). Através desse processo, o sujeito apresenta uma eficiência no seu funcionamento em contato com esse mundo, dando-o sentido, construindo ativamente a realidade (ROAZZI, 1995). A modalidade de pensamento categórica permite que se perceba as pessoas que se acaba de conhecer em termos de crenças gerais e pré-existentes organizadas e armazenadas na memória (PEREIRA, 2008).

Uma redefinição completa dos esquemas de conhecimento do mundo seria necessária a todo e a qualquer momento se não houvesse os processos de categorização, o que sobrecarregaria a cognição humana. O indivíduo não depende de um esforço significativo para realizar essa tarefa cognitiva extremamente complexa, uma vez que ela se apresenta como um processo automático (PEREIRA, 2008). A compreensão dos critérios utilizados para agrupar entidades em uma mesma categoria, quando essas entidades distintas são tratadas como equivalentes, e a compreensão de como o Homem representa o mundo geral e o específico evidenciam que a categorização é um importante processo cognitivo (LIMA, 2007, 2010).

A categorização permite, então, que novas informações sejam a todo momento adicionadas as estruturas existentes, bem como que essas estruturas sejam alteradas através da

reestruturação. Cada estrutura do conhecimento possui inúmeras conexões com outras estruturas do conhecimento. Esse processo funciona como uma rede de conceitos inter-relacionados (LIMA, 2007, 2010).

As categorias podem ser de dois tipos: categorias naturais e categorias de artefatos. As primeiras se referem a grupos que ocorrem naturalmente pelo mundo, como por exemplo frutas e pássaros. Já as segundas, dizem respeito a grupos criados pelos seres humanos com uma determinada finalidade, como por exemplo os celulares e utensílios domésticos. Ambas essas categorias se apresentam como estáveis, apesar dos conceitos serem passíveis de mudança (STERNBERG, 2010).

Apesar de saber-se que quando uma pessoa é incluída em uma categoria, dificilmente haverá a oportunidade de se reavaliar o assunto; ao se ter contato com uma nova informação que contradiz as expectativas já existentes, o sujeito terá a oportunidade de reestruturar a categoria em questão (PEREIRA, 2008).

4.1.1 Representações Sociais

O processo cognitivo da categorização é um pré-requisito para que as representações sociais sejam possíveis. Sabe-se que o indivíduo é um reflexo das ideologias, preconceitos e atividades socioeconômicas do grupo social específico ao qual ele pertence, tendo o seu comportamento orientado pelas práticas sociais do cotidiano, mas também orientando essas práticas, uma vez que ele é participante do grupo (PAULA, 2012). Ou seja, haverá uma diferenciação de pessoa para a pessoa no que se refere ao processo de construção da representação. O sujeito, individualmente, agregará dados particulares e específicos da sua própria vivência no processo de representar. Essa vivência e pensamento, em conjunto com o que se vivencia com os outros, originarão as representações (OSTI; SILVEIRA; BRENELLI, 2013).

Vários processos que tangem a função normativa e de construção da realidade são interferidos pelas Representações sociais, além da assimilação do conhecimento, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição da identidade pessoal e grupal, a expressão de grupos e as transformações sociais. A origem dessa forma de saber está nas práticas sociais e diversidade grupais que propiciam a construção de uma realidade comum ao grupo, a orientação de condutas e as comunicações (SANTOS; ALMEIDA, 2005; JODELET, 2001).

Segundo Brandão e Roazzi (2004), esse sistema de interpretação da realidade organiza as relações do sujeito e o meio o qual ele está inserido, orientando as suas condutas e comportamentos no meio social. Há, então, uma substituição mental do objeto (pessoa, coisa, ideia, etc.), restituindo-o de maneira simbólica e inscrevendo novos significados no significante.

Através das discussões diárias do cotidiano das pessoas, dos meios de comunicação, dos costumes e das instituições é possível se observar a formação das representações sociais. Os veículos pelos quais as representações se exprimem são os mais diversos, como a arte, a ciência, a religião, as famílias e a linguagem (OSTI; SILVEIRA; BRENELLI, 2013). Moscovici (2003), inclusive, refere-se à atividade profissional que as representações possuem, uma vez que um médico, um professor ou um pedagogo, por exemplo, são responsáveis por criar e transmitir as representações, ainda que não tenham consciência disso.

Além disso, as representações sociais são essenciais para o processo de familiarização com o estranho (MOSCOVICI, 1988). Há um esforço constante para tornar uma representação desconhecida ou incomum (como um objeto, uma nação, uma teoria científica, por exemplo) em algo familiar. Esse abstrato, então, se torna concreto e quase normal (MOSCOVICI, 2007). Os objetos serão sedimentados, incorporados, assimilados e tornados familiar. Um determinado conhecimento ou objeto, por exemplo, exterior ao indivíduo pode, então, ser interiorizado (RANGEL 2004).

Acredita-se que essa capacidade de transformar o que é estranho, e potencialmente amedrontador, em algo conhecido, é a função mais significativa das representações sociais. Objetos, ideias, entidades e informações são, então, alocados em categorias mentais específicas compartilhadas por outras pessoas. Um determinado objeto, por exemplo, intentando penetrar o universo individual ou grupo, entrará em uma série de relacionamentos, articulações e movimentações com outros objetos já existentes desse universo, tomando as suas propriedades e acrescentando-o as suas (DOTTA, 2006).

É importante frisar, no entanto, que essa organização categorial não se dá de maneira necessariamente lógica, racional ou científica. Há um domínio da memória sobre a lógica, do passado sobre o presente, da resposta sobre o estímulo e da imagem sobre a “realidade” (ROAZZI; SOUZA; ROAZZI, 2015). Apresentando-se como uma unidade estrutural figurativa e simbólica, as representações sociais são um processo que constitui o intercambiamento do conceito e da percepção de uma imagem (MOSCOVICI, 1976).

Cada informação do meio é reconstruída e interpretada socialmente pelo sujeito. As representações sociais são, dessa forma, mais do que meras opiniões, juízos ou imagens em relação a um objeto social. Vários tipos de conhecimentos são abarcados pelas representações sociais, como o científico, o filosófico, o ideológico, entre outros. Elas funcionam como princípios organizadores que estruturam os processos simbólicos. Algo ou alguém sempre são representados nas representações sociais, assim como nas teorias científicas, nas religiões e nas mitologias (MOSCOVICI, 1984).

Para Roazzi, Souza e Roazzi (2015), apesar de apenas uma parte de uma comunidade poder ser a responsável pela elaboração de certas representações sociais, ainda assim elas podem ser compartilhadas por todos os membros, pois sendo um sistema cognitivo-emocional, referem-se a um conhecimento compartilhado.

Esse conhecimento social pode evidenciar a existência de estereótipos. Geralmente, para o campo de conhecimento da cognição social, o ato de estereotipar refere-se à um processo de funcionamento cognitivo do pensamento categórico normal. Alguns autores, no entanto, consideram o estereótipo como uma entidade cognitiva anormal ou uma crença exagerada (ALLPORT, 1954), além de resultar de uma distorção da percepção correta dos estímulos ambientais (HAMILTON, 1979).

Já para Tajfel (1969), que criticou todas essas abordagens, os estereótipos seriam processos cognitivos completos. Mas, mesmo que se foque na dimensão cognitiva dos estereótipos, é necessário que se contextualize os processos subjacentes, bem como que se explique sua inserção nas dinâmicas sociais (SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998). As representações sociais e os estereótipos, apesar de serem dois campos diferentes de estudo, se relacionam. Uma das funções das representações é perpetuar e justificar a diferencial social e, assim como os estereótipos, pode desencadear discriminações ou manter uma distância social entre os grupos (ABRIC, 1994).

Moscovici (1978), o criador desse conceito tão importante para a psicologia, traz dois processos que se referem ao “mecanismo de formação das representações”, à saber: objetificação e ancoragem. No primeiro processo, o desconhecido se tornará familiar, o objeto abstrato se tornará concreto. Existe a materialização (através de imagens) do objeto abstrato, que uma vez destrinchado e recomposto, passa a parecer natural e palpável (Arruda, 2002). Para que esse processo se cumpra são necessárias três fases: a construção seletiva, a esquematização estruturante e a naturalização.

Paula (2012) define bem essas três fases, explicando que na fase da construção seletiva, o sujeito se apropriará e selecionará as informações do objeto. Vários aspectos sociais são inferidos nesse processo, como cultura, crenças e valores. Na fase que se refere à esquematização estruturante, o sujeito organizará os elementos que se referem ao objeto da representação, o que possibilitará uma visualização por meio de uma imagem compreensível ao sujeito. A culminação dessa fase será o núcleo ou o esquema figurativo. Por fim, na fase da naturalização, os elementos que foram visualizados e retidos no esquema figurativo, bem como suas relações, se tornarão categorias naturais compatíveis à realidade do sujeito social.

Já o segundo processo, ancoragem, existe para que o objeto tenha sentido para o sujeito, atribuindo-lhe valores das relações sociais. Quando esse novo objeto se apresenta ao sujeito, ele recorrerá ao que lhe é familiar, buscando interpretar e incorporar esse novo saber aos conhecimentos que ele já possui. Esse objeto, até então desconhecido, será então “ancorado” a uma rede de conhecimentos preexistentes ao sujeito.

As representações sociais são estudadas sob diferentes prismas que não apenas a perspectiva psicossociológica. Diferentes teóricos se propõem a estudar essa teoria valorizando diferentes linhas do conhecimento. Sobre isso, Taissun (2014) apresenta três teóricos. Jodelet, por exemplo, aproximando-se da perspectiva de Moscovici, evidencia a cultura e a história para a compreensão do simbólico, entendendo a importância de apreender os discursos, individuais e coletivos, os comportamentos e as práticas sociais. Partindo de um olhar mais social, Doise discute explicações de ordem individual e social, sustentando que as dinâmicas sociais orientam os indivíduos em funcionamento com a sociedade.

Trazendo uma abordagem estrutural, Abric formula a teoria do núcleo central, defendendo que em torno de um núcleo central, delimitado e organizado por ele, toda representação será estruturada. O núcleo central oferecerá maior resistência a qualquer mudança, uma vez que ele é o gerador, unificador e estabilizador das representações sociais. No entanto, uma vez modificado, essas representações poderão passar por reformulações consideráveis (SÁ, 1996). Há, então, diferenças entre o núcleo central e o sistema periférico, como demonstradas a seguir e definidas por Mazzotti (2002, citado por FRANCO, 2004).

Tabela 6 - Diferenças entre o núcleo central e o sistema periférico

Núcleo Central	Sistema Periférico
Ligado à memória coletiva e à história do grupo.	Permite a integração das experiências e das histórias individuais.
Consensual: define a homogeneidade.	Suporta a heterogeneidade do grupo.
Estável, coerente e rígido.	Flexível, suporta contradições.
Resiste à mudança.	Transforma-se.
Pouco sensível ao contexto imediato.	Sensível ao contexto imediato.
Gera a significação da representação e determina sua organização.	Permite a adaptação à realidade concreta e a diferenciação do conteúdo: protege o sistema central.

4.1.2 Representação social do Islamismo e do Terrorismo

Apesar da grande discriminação sofrida pelos muçulmanos em vários lugares do mundo ser um problema político e social recorrente, esse campo de estudo permanece insuficientemente explorado por pesquisadores. Os estudos acerca da representação social do Islamismo, por exemplo, são escassos na literatura científica.

Soubiale e Roussiau (1998) desenvolveram um dos estudos mais antigos que se pode encontrar com o tema. A discriminação sofrida pelos muçulmanos na França foi um dos tópicos abordados no estudo. Com uma amostra de estudantes de psicologia do primeiro ano de curso, os pesquisadores se empenharam em descobrir as representações que a palavra-estímulo “Islamismo” evocava nos participantes. Na sequência, os estudiosos investigaram se uma informação objetiva a respeito dessa religião modificava o estereótipo dos muçulmanos para esses estudantes. Os autores descobriram que a manipulação, de fato, provocou mudanças no estereótipo dos muçulmanos na classe na qual o conteúdo da representação foi mais descritivo e que o nível do conhecimento era elevado. A informação, por si só, não foi capaz de mudar o estereótipo de muçulmano. Os autores sugerem que os sujeitos precisam possuir algum conhecimento, para que as novas informações possam ser integradas.

Alghamdi (2015), desenvolveu um estudo que investigou a representação do Islamismo nos meios de comunicações ocidentais, no que se refere a dois ataques terroristas

sequenciais ocorridos na Noruega. Evidenciou-se que as instituições de mídias ocidentais escolheram palavras e expressões que responsabilizavam os muçulmanos pelos ataques. Essas acusações tinham várias nuances, desde uma simples suspeita, até uma acusação aberta.

O estudo pioneiro que se propôs a investigar a representação dos muçulmanos e do islamismo na mídia social foi dirigido por Törnberg e Törnberg (2016). Entre 2000 e 2013, através de um fórum de internet sueco, um dos maiores no mundo, os autores contaram com um arsenal de 10 milhões de palavras e se debruçaram em como os muçulmanos e o Islamismo foram representados nesse fórum, quando comparado com a mídia tradicional ocidental. Os muçulmanos foram descritos no fórum como um grupo externo e homogêneo, envolvidos em violência, conflitos e extremismo. Esses padrões encontrados são consideravelmente similares com os encontrados na mídia tradicional.

No que se refere ao terrorismo, apesar de desde o 11 de Setembro de 2001, muitos estudos científicos voltarem-se a essa questão, pesquisas sobre a representação social desses eventos ainda se mostram escassas na literatura. Warner (2015) ao estudar a questão, revelou que os participantes da sua pesquisa concordaram que o terrorismo ocorre devido a um desacordo, que a sua eficácia é subjetiva e que há um conhecimento limitado sobre o tema, sendo a mídia sua principal fonte de informação.

4.2 MÉTODO DO MANUSCRITO III

4.2.1 Participantes

A amostra que compôs esse estudo é a mesma presente no Manuscrito II.

4.2.2 Instrumentos e Procedimentos

A pesquisa se deu em dois diferentes momentos: Associação livre e Classificação Dirigida. Na associação livre, os universitários, após o preenchimento de um questionário sociodemográfico (Apêndice B), foram solicitados a escreverem o que lhes vinha à mente ao ouvirem as palavras-estímulo islamismo e terrorismo. A partir dessas evocações, selecionou-se as 15 palavras mais frequentes, de cada uma das associações livres, para que a segunda etapa pudesse ocorrer. Adicionou-se também a esses itens, as palavras “Islamismo” (na associação livre do terrorismo) e “Terrorismo” (na associação livre do islamismo). Como esses itens já estiveram presentes de antemão espontaneamente nas evocações dos

universitários brasileiros, selecionou-se 16 itens dessa amostra para que assim pudesse haver o mesmo número de itens nos dois países.

Posteriormente, a etapa da classificação dirigida iniciou-se. Em um primeiro momento, os participantes preencheram o mesmo questionário sociodemográfico e na sequência, foram solicitados a agrupar as todas palavras selecionadas na primeira etapa, tanto na etapa da classificação livre do Islamismo, como na do terrorismo, em cinco grupos diferentes, predefinidos, que variavam entre si a depender do grau de associação que possuem com os termos “Islamismo” ou “terrorismo”. A saber: palavras muitíssimo associadas, palavras muito associadas, palavras mais ou menos associadas, palavras pouco associadas, palavras não associadas. Com isso, objetivou-se compreender detalhadamente as relações existentes entre os itens. Para que essa atividade fosse executada, os universitários deveriam numerar as palavras de 1 a 5 a depender do grau de associação com o termo escolhido (Islamismo ou terrorismo). Sendo 1 “palavras não associadas” e 5 “palavras muitíssimo associadas”.

4.2.3 Análise dos dados

Um banco de dados foi construído a partir dos dados coletados. Fez-se uso da Análise dos Menores Espaços - SSA (*Smallest Space Analysis*) ou Análise da Estrutura da Similaridade. A partir desse escalonamento multidimensional não-métrico, pode-se observar a proximidade em termos de semelhança entre os itens. Dessa maneira, regiões de contiguidade e descontiguidade são formadas, nas quais quanto mais semelhante os itens, mais próximos estarão relacionados empiricamente.

4.3 RESULTADOS DO MANUSCRITO III

Após a associação livre, todas as respostas escritas, sem exceção, dos universitários foram coletadas e tabuladas em computador para que pudesse dar-se continuidade as análises estatísticas. Inúmeras palavras e expressões verbais distintas foram evocadas. Quando as diferenciações das palavras diziam respeito a plural e singular ou verbos em diferentes tempos verbais, os itens foram agrupados na mesma categoria. As palavras selecionadas foram aquelas que foram evocadas em maior número de vezes, uma vez que elas eram as mais significativas nas populações pesquisadas em questão. Por meio do procedimento de levantamento de dados, as palavras mais frequentes em ambos os países foram listadas na Tabela 7.

Tabela 7 - Palavras evocadas (%) pelos universitários turcos e brasileiros em relação ao Islamismo e Terrorismo

Islamismo		Brasileiros		Terrorismo		Brasileiros	
Turcos	%		%	Turcos	%		%
Religião	40	Religião	43	Morte	29	Morte	35
Crença/Fé	17	Fé	07	Maldade	12	Guerra	20
Alcorão	11	Cultura	04	Destruição	12	Medo	17
Cultura	03	Alcorão	04	Guerra	12	Violência	17
Distorção	23	<u>Terrorismo</u>	23	Violência	11	Destruição	06
Deus	22	Fanatismo	20	Caos	08	Pessoas Inocentes	06
Paz	18	Véu	13	Pessoas Inocentes	08	Maldade	04
Doutrina	17	Machismo	13	Medo	08	Caos	04
Islamofobia	14	Oriente Médio	13	Manipulação	25	<u>Islamismo</u>	17
Fraternidade	14	Alá	10	Divisão	14	Bombas	17
Beleza	11	Guerra	09	Ódio	12	Fanatismo	10
Bondade	11	Maomé	09	Organizações	12	Estado Islâmico	07
Tolerância	09	Bomba	07	Massacre	11	Tristeza	07
Profeta	09	Muçulmano	06	Explosão	11	Estados Unidos	06
Verdade	06	Alienação	04	Desumanidade	06	Oriente Médio	04
		Mesquita	04			11 de setembro	04

Como escrito anteriormente, os 15 itens mais frequentes de cada conceito, em ambos os países, foram selecionados. Além desses itens, os termos “terrorismo” e “Islamismo” foram induzidos na amostra turca. Como esses itens já estiveram presentes de antemão espontaneamente nas evocações dos universitários brasileiros, selecionou-se 16 itens dessa amostra para que assim pudesse haver o mesmo número de itens nos dois países.

Nessa etapa, utilizou-se o Procedimento de Classificações Múltiplas (PCM), que pressupõe que os sujeitos detêm um conhecimento estrutural a respeito do mundo ao qual fazem parte (ROAZZI, 1991). É possível, então, compreender como pensam, agem e conceituam, por intermédio da compreensão das categorias utilizadas ao interagirem com esse mundo. Tal procedimento permite, então, que os sistemas conceituais sejam explorados, tanto a nível individual, como grupal (ROAZZI; FEDERICCI; CARVALHO 2002), além de possibilitar a exploração de categorias e sistemas de classificação do sujeito, aproximando-se

das diversas facetas que uma representação social pode apresentar (ROAZZI; ANDRADE; CARVALHO, 2002).

A partir do agrupamento das palavras em comum nas duas amostras na etapa da associação livre, mais os itens islamismo e terrorismo, se deu a classificação dirigida. À saber, como se observa na Tabela 7, os itens comuns em ambas as amostras foram: Religião, Cultura, Alcorão, Morte, Medo, Caos, Guerra, Violência, Destruição, Pessoas Inocentes, Maldade. Os itens Islamismo ou terrorismo também foram acrescentados na classificação dirigida apesar de eles não terem sido encontrados entre os itens mais frequentes na amostra turca.

Os universitários, então, inicialmente, foram solicitados a formarem grupos a partir do grau de associação dos 11 itens mais frequentes em ambas as amostras, mais o item Islamismo, em relação ao terrorismo. Na sequência, os mesmos universitários foram solicitados a formarem grupos a partir do grau de associação dos 11 itens mais frequentes em ambas as amostras, mais o item terrorismo, em relação ao Islamismo. Os grupos eram pré-determinados e se dividiam em cinco: palavras muitíssimo associadas, palavras muito associadas, palavras mais ou menos associadas, palavras pouco associadas e palavras não associadas. Para que o efeito de ordem fosse minimizado, metade da amostra iniciou as atividades pela classificação dirigida do islamismo, seguindo-se da classificação dirigida do terrorismo e a outra metade iniciou as atividades pelo caminho oposto.

Na Tabela 8, estão descritas as categorizações, em comum, realizadas pelos universitários turcos e brasileiros em relação ao islamismo. Pode-se observar que a maioria dos itens possui diferenças estatisticamente significantes entre as classificações dos brasileiros e turcos. A saber: “terrorismo” ($p= 0,01$), “Alcorão” ($p=0,036$), “caos” ($p=0,001$), “medo” ($p=0,003$), “maldade” ($p=0,001$), “destruição” ($p=0,000$), “guerra” ($p= 0,009$) e violência ($p= 0,000$). Esses dados evidenciam que há diferenças importantes nas representações do Islamismo ao se considerar a nacionalidade dos universitários.

Observa-se que as palavras “terrorismo”, “caos”, “medo”, “maldade”, “destruição”, “guerra” e “violência” demonstraram uma forte associação ao Islamismo na amostra brasileira. “Alcorão” é a única palavra que se encontra mais associada ao Islamismo na amostra turca ($p=0,036$).

Tabela 8 - Médias, desvios-padrão e teste do Mann-Whitney da amostra do Brasil e da Turquia das palavras associadas a **Islamismo**.

Palavras associadas a Brasil Islamismo	Brasil		Turquia		Mann - Whitney	
	Média	DP	Média	DP	U	P
Terrorismo	3,47	1,407	1,67	,976	36,500	,001
Religião	4,67	,724	4,93	,258	96,500	,261
Alcorão	4,20	1,146	4,87	,516	75,000	,036
Cultura	3,73	1,335	3,87	1,356	105,000	,744
Pessoas inocentes	3,80	1,373	3,20	1,521	86,500	,264
Caos	3,60	1,352	1,60	1,298	37,000	,001
Medo	3,33	1,291	1,73	1,335	45,500	,003
Morte	3,40	1,454	2,40	1,595	74,500	,104
Maldade	3,27	1,534	1,47	,834	38,500	,001
Destruição	3,40	1,404	1,47	,834	33,000	,000
Guerra	3,67	1,397	2,20	1,373	51,500	,009
Violência	3,53	1,246	1,67	1,047	31,000	,000

Em seguida foi computada uma análise SSA objetivando-se visualizar o grau de inter-relação dos itens entre si, fazendo-se uso do coeficiente de monotonicidade. Na Figura 9 é apresentado o SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Islamismo tendo como variável externa País - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,045). Na Tabela 9 é apresentada a matriz da inter-relação dos coeficientes de monotonicidade entre os 12 itens associados ao islamismo, e a variável externa nacionalidade dos universitários indicando o grau de associação dos dois grupos com a estrutura produzida pelo SSA.

Como se pode observar na Figura 9, os itens “pessoas inocentes” e “religião” aparecem próximos na região inferior direita. O item “Alcorão” se mostra mais isolado de todos os outros no topo da Figura. O item “cultura” também se mostra afastado dos outros itens, localizando-se à direita. Já os itens “destruição”, “guerra”, “morte”, “maldade”,

“terrorismo”, “caos”, “medo” e “violência” aparecem aglomerados na região inferior esquerda.

A variável externa “Brasil” se mostra muito próxima a esse aglomerado de palavras, evidenciando o alto grau de associação desses itens à representação social do islamismo por parte dos universitários brasileiros. Tal padrão é ratificado na Tabela 9, onde alguns coeficientes de monotonicidade associados aos Islamismo tais como “terrorismo”, “caos”, “medo”, “maldade”, “destruição”, “guerra” e “violência” possuem uma associação positiva expressiva na amostra de universitários brasileiros.

Já a amostra turca pareceu associar mais os itens “Alcorão” e “cultura” ao Islamismo na Figura 9 e apresentou como coeficientes positivamente associados ao Islamismo, acima de 70, na Tabela 9, os itens “religião” e “alcorão”. Os itens “destruição”, “violência”, “terrorismo”, “caos”, “guerra”, “medo” e “maldade” apresentam coeficientes de associação negativos associados ao Islamismo bastantes expressivos, acima de 70, na amostra de turcos. Sugere-se, então, que, para essa amostra, o Islamismo não se associa a esses conceitos.

Figura 9 - SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Islamismo tendo como variável externa País - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,045)

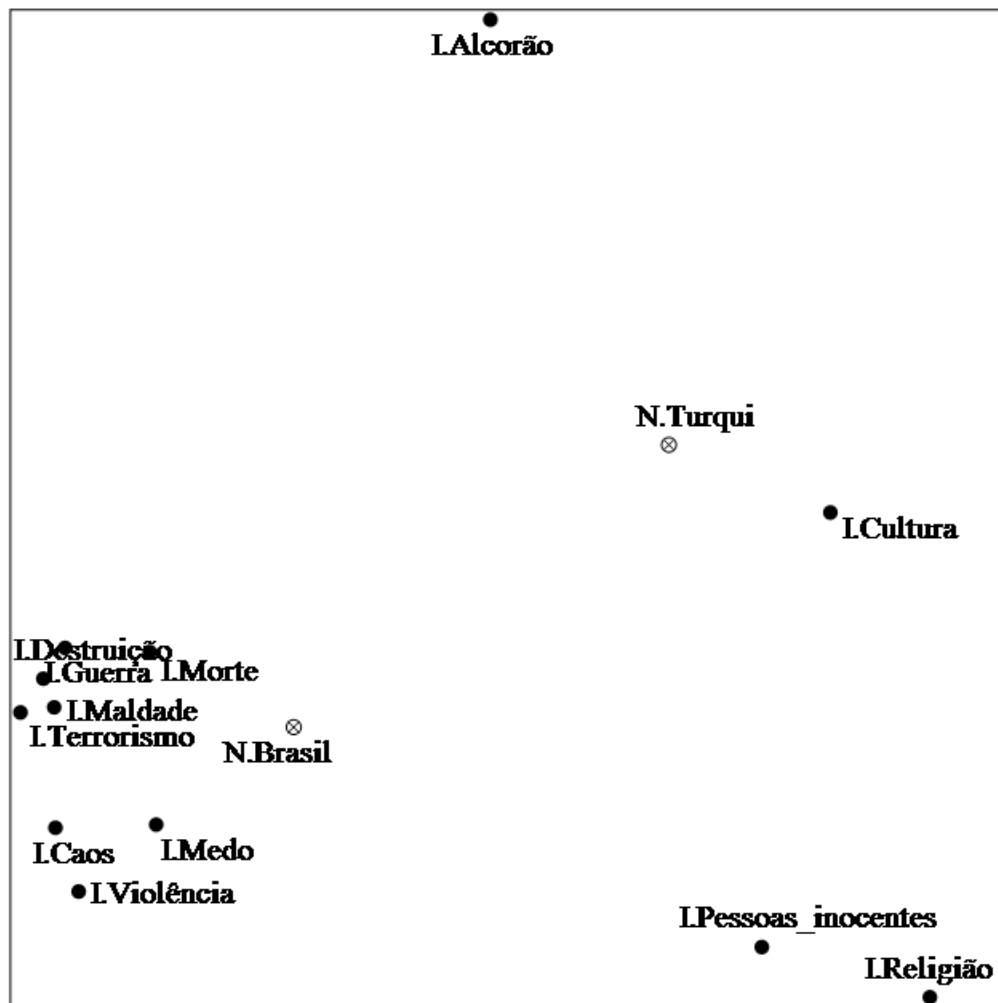


Tabela 9 - Matriz da inter-relação (coeficiente de monotonicidade) entre os itens associados ao islamismo, considerando a nacionalidade dos universitários.

Palavras associadas a Islamismo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Terrorismo	1	100	-82	-53	-53	-18	97	94	86	99	99	97	93
Religião	2	-82	100	-100	63	97	-59	-9	-64	-81	-85	-73	-75
Alcorão	3	-53	100	100	24	-93	-61	-55	-40	-52	-37	-32	-63
Cultura	4	-53	63	24	100	66	-45	-35	-19	-25	-24	-32	-19
Pessoas Inocentes	5	-18	97	-93	66	100	-17	8	3	-14	-21	-5	-5
Caos	6	97	-59	-61	-45	-17	100	98	83	96	96	91	93
Medo	7	94	-9	-55	-35	8	98	100	79	96	92	92	89
Morte	8	86	-64	-40	-19	3	83	79	100	90	89	81	69
Maldade	9	99	-81	-52	-25	-14	96	96	90	100	100	98	94
Destruição	10	99	-85	-37	-24	-21	96	92	89	100	100	98	93
Guerra	11	97	-73	-32	-32	-5	91	92	81	98	98	100	84
Violência	12	93	-75	-63	-19	-5	93	89	69	94	93	84	100

Variáveis externas		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Brasil	13	87	-71	-79	-9	37	86	79	53	88	91	74	90
Turquia	14	-87	71	79	9	-37	-86	-79	-53	-88	-91	-74	-90

Nota: Os coeficientes originais foram multiplicados por 100.

Na Tabela 10, pode-se observar as descrições das categorias realizadas pelos universitários brasileiros e turcos em relação ao terrorismo. Apenas três itens demonstravam diferenças estatísticas significantes entre as classificações dos brasileiros e turcos, foram eles: “Islamismo” ($p=0,14$), “alcorão” ($p=0,006$) e “cultura” ($p=0,006$).

Computou-se uma análise SSA objetivando-se visualizar o grau de inter-relação dos itens entre si, utilizando-se do coeficiente de monotonicidade. Na Figura 10 é apresentado o SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Terrorismo, tendo como variável externa País - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,109). Na Tabela 11 apresenta-se matriz da inter-relação dos coeficientes de monotonicidade entre os 12 itens associados ao terrorismo, e a variável externa nacionalidade dos universitários indicando o grau de associação dos dois grupos com a estrutura produzida pelo SSA.

Tabela 10 - Médias, desvios-padrão e teste do Mann-Whitney da amostra do Brasil e da Turquia das palavras associadas a **Terrorismo**.

Palavras associadas a Terrorismo	Brasil		Turquia		Mann - Whitney	
	Média	DP	Média	DP	U	p
Islamismo	2,67	<i>1,047</i>	1,67	,976	56,000	,014
Religião	2,13	<i>1,246</i>	2,20	<i>1,146</i>	108,500	,861
Alcorão	2,33	<i>1,175</i>	1,33	<i>1,047</i>	54,000	,006
Cultura	2,40	<i>1,404</i>	1,20	,561	55,500	,006
Pessoas_inocentes	3,40	<i>1,639</i>	3,53	<i>1,885</i>	105,500	,757
Caos	4,60	<i>1,121</i>	4,60	,910	106,500	,701
Medo	4,67	,816	4,80	,561	105,000	,631
Morte	4,93	,258	4,53	<i>1,125</i>	96,500	,261
Maldade	4,87	,352	4,60	,828	96,500	,340

Destruição	4,93	,258	4,67	1,047	104,500	,524
Guerra	4,53	,743	4,47	1,125	107,000	,778
Violência	4,80	,414	4,93	,258	97,500	,291

Os itens da Figura 10 se apresentam bem dispersos, no entanto é possível observar algumas regiões com itens mais condensados entre si. “Islamismo” e “Alcorão” parecem muito próximos um do outro. Os itens “caos”, “morte”, “destruição”, “maldade” e “guerra” se mostram bastante associados na região inferior esquerda. Os itens mais próximos de “violência” é “medo” e “pessoas inocentes”. “Cultura” e “religião” se mostram um pouco mais isolados dos outros itens.

Dada a aproximação da variável externa Brasil, aos itens “cultural”, “Alcorão” e “Islamismo”, percebe-se que a representação social do Islamismo dos estudantes brasileiros associa-se fortemente a esses conceitos. A Tabela 11, também evidencia que essa amostra demonstrou os coeficientes “Islamismo”, “Alcorão”, “cultura” e “morte” positivamente relacionados ao terrorismo, acima de 70.

Já a variável externa “Turquia” se comporta de maneira diferente na Figura 10, apresentando-se distante dos itens “Alcorão”, “cultura” e “Islamismo”. Esses itens, juntamente com “morte” mostraram-se negativamente relacionados ao terrorismo, com um coeficiente acima de 70, como pode ser observado na Tabela 11. Os universitários turcos, então, parecem não associar tais itens à sua representação social de terrorismo.

Figura 10 - SSA usando o coeficiente de monotonicidade das palavras associadas a Terrorismo tendo como variável externa País - Brasil e Turquia (Projeção 3d, 1x2, Coeficiente de Alienação 0,109)

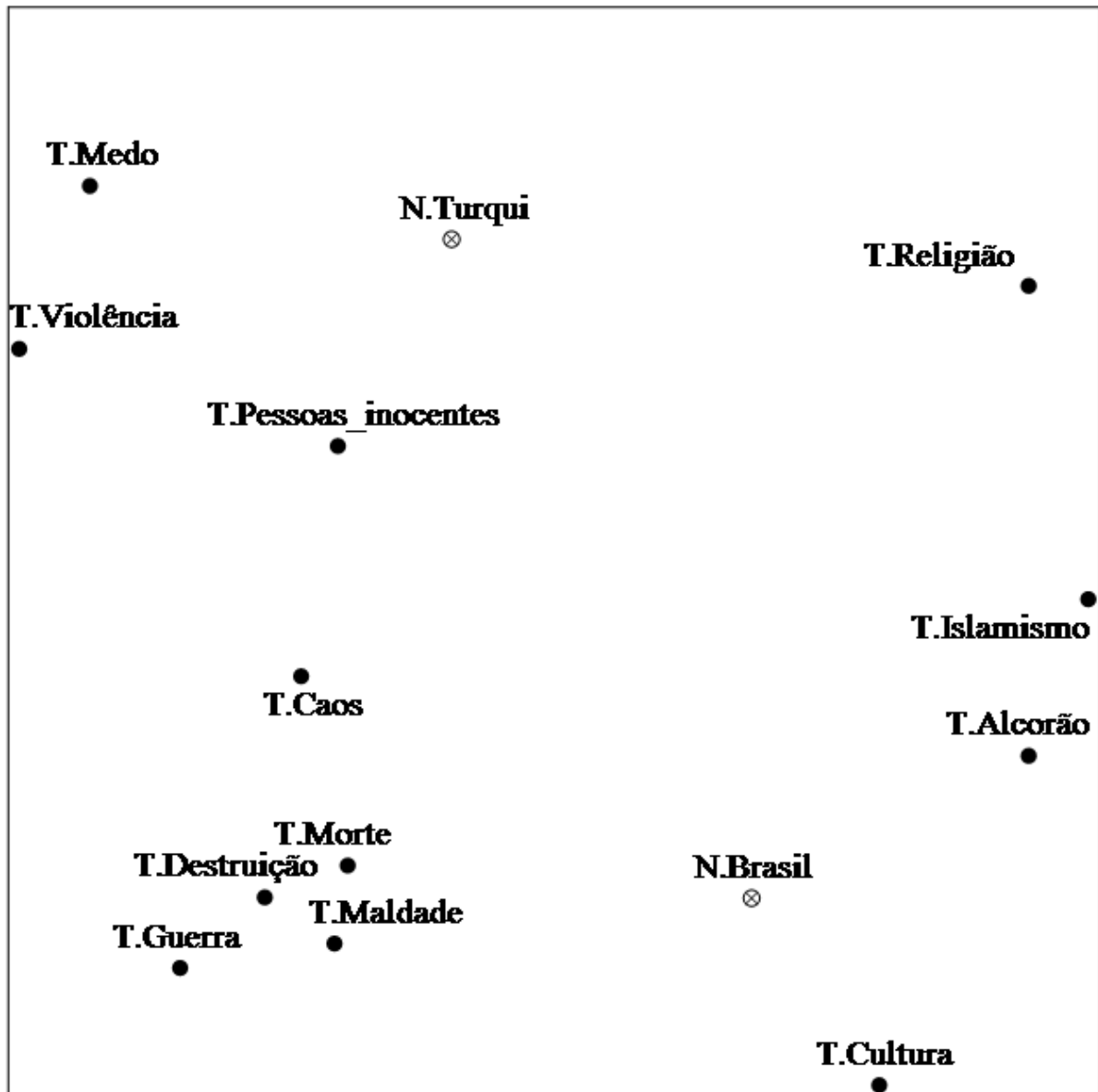


Tabela 11 - Matriz da inter-relação (coeficiente de monotonicidade) entre os itens associados ao terrorismo, considerando a nacionalidade dos universitários

Palavras Associadas a Terrorismo		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Islamismo	1	100	69	76	32	-4	-60	-56	16	5	17	-4	-56
Religião	2	69	100	42	29	38	41	1	16	-8	-16	-49	-69
Alcorão	3	76	42	100	66	20	49	-34	23	38	18	4	-16
Cultura	4	32	29	66	100	9	34	-20	49	80	84	24	-40
Pessoas Inocentes	5	-4	39	20	9	100	83	82	92	94	93	51	29

Caos	6	-60	41	49	34	83	100	74	90	96	14	68	15
Medo	7	-56	4	-34	-20	82	74	100	22	46	98	17	91
Morte	8	16	16	23	49	92	90	22	100	98	98	95	-4
Maldade	9	5	-8	38	68	80	94	46	98	100	100	97	-5
Destruição	10	17	-16	18	53	84	93	14	98	98	100	100	56
Guerra	11	-4	-49	4	24	51	86	17	95	97	100	100	54
Violência	12	-53	-69	-16	-40	29	15	91	-4	-5	56	54	100
Variáveis externas		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Brasil	13	71	-5	71	87	-7	0	-28	79	58	70	8	-56
Turquia	14	-71	5	-71	-87	7	0	28	-79	-58	-70	-8	56

Nota: Os coeficientes originais foram multiplicados por 100.

4.4 DISCUSSÃO DO MANUSCRITO III

Uma vez que grande parte da amostra turca participante da pesquisa se definia como muçulmanos, percebe-se que os participantes não validam tais itens como pertencentes a sua religião. Os brasileiros, no entanto, pareceram culpabilizar a religião islâmica pelo terrorismo. Um dos motivos para tal associação pode ser os meios de comunicações ocidentais, como aponta Alghamdi (2015), que acabam por responsabilizarem os muçulmanos pelos ataques terroristas, associando-os a um grupo envolvido em violência, conflitos e extremismo (TÖRNBERG; TÖRNBERG, 2016). Somado a isso, existe um conhecimento limitado sobre o terrorismo (WARNER, 2015) e sobre o Islamismo na realidade brasileira, uma vez que o país conta com uma comunidade islâmica muito inexpressiva e nunca foi palco de atentados terroristas.

Apesar das implicações sociais negativas da associação entre o Islamismo e terrorismo, que podem culminar em comportamentos islamofóbicos de todos os níveis, tais representações sociais são passíveis de serem mudadas a qualquer momento, através do acesso a informações objetivas a respeito dessa religião (SOUBIALE; ROUSSIAU, 1998) e graças aos pontos de “fratura” no sistema representacional de cada sociedade, que possibilitam a emergência de novas representações sociais (MOSCOVICI, 2007).

4.5 CONCLUSÃO DO MANUSCRITO III

Assim como nos manuscritos anteriores, a amostra de estudantes universitários brasileiros demonstrou uma forte associação do Islamismo ao terrorismo. Nesse manuscrito especificamente, o Islamismo também foi fortemente associado a conceitos como caos, medo, maldade, destruição, guerra, morte e violência. Já a amostra de universitários turcos, não demonstrou uma associação significativa entre o Islamismo e esses mesmos elementos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada nesta dissertação, através da metodologia utilizada e das análises realizadas, possibilitou contemplar o objetivo geral e específico: (1) Investigar a organização estrutural da representação social do universitário brasileiro e turco acerca do Islamismo e do terrorismo e (2) Identificar a trama e as relações entre as estruturas das representações de Islamismo e terrorismo a partir de classificações e justificativas verbais da produção do pensamento classificatório.

Ao que se refere às hipóteses levantadas inicialmente, e mediante os dados analisados, sugere-se que:

Hipótese A: Existem diferenças, entre universitários brasileiros e turcos, na organização estrutural da representação social acerca do Islamismo e do terrorismo- Foi corroborada.

Hipótese B: As palavras-estímulo Islamismo e terrorismo têm uma maior correlação entre os universitários brasileiros, enquanto que entre os universitários turcos esses conceitos não estão significativamente correlacionados- Também foi corroborada.

Como foi sugerido, nos três manuscritos, turcos e brasileiros representaram de forma diferente o Islamismo e o Terrorismo, tendo essas palavras-estímulo maior correlação entre os universitários brasileiros.

O item “Islamismo”, por exemplo, foi o mais citado entre os brasileiros na atividade de associação livre do terrorismo, bem como o item “terrorismo” foi o segundo mais citado na atividade de associação livre do Islamismo da mesma amostra. Também se observou que as palavras “terrorismo”, “caos”, “medo”, “maldade”, “destruição”, “guerra” e “violência” demonstraram uma forte associação ao Islamismo na amostra brasileira.

No cotidiano dos brasileiros é improvável o contato com muçulmanos, uma vez que o Islamismo não é uma religião expressiva no Brasil. Dessa forma, é possível que uma das fontes principais de acesso aos conceitos de Islamismo e terrorismo no Brasil seja a mídia, em especial a televisão. Esse veículo de comunicação tende a falar do Islamismo mais fortemente apenas quando se há atentados terroristas pelo mundo reivindicados por organizações que se autodeclaram islâmicas. Sendo esse meio de comunicação, muitas vezes, a fonte principal de informação dos brasileiros, é esperado que tal associação entre o Islamismo e terrorismo

realmente esteja presente nesse público. Como defendido por Vala (2003), há uma pressão social para a homogeneização de certas representações sociais e os meios de comunicação são utilizados como um alargador dessa consensualidade, pois, dessa forma, a realidade social pode ser compartilhada com uma larga comunidade, facilitando o conformismo.

Sugere-se que tal associação do Islamismo ao terrorismo, ou mesmo do muçulmano ao terrorista na amostra brasileira seja fruto da economia cognitiva propiciada pela categorização que reduz, ou até mesmo anula, o trabalho de avaliação cuidadosa das informações oriundas do meio, pensando-se nessa linha religiosa como um bloco único. Julgamentos rápidos são, então, disparados em relação aos muçulmanos.

Como já escrito, ainda que seja provável que os universitários brasileiros tenham o conhecimento de que não é um fato que todos os muçulmanos sejam terroristas, ainda assim, essa amostra parece creditar a maioria dos atentados terroristas aos muçulmanos. A mídia, como uma das maiores fontes de informação a respeito dos atentados terroristas, parece nomear apenas como “terrorismo” explosões realizadas por árabes ou muçulmanos. Atentados ocasionados por países não-islâmicos no Oriente Médio, por exemplo, dificilmente são retratadas como terrorismo.

É possível dizer, então, que há uma tendência à culpabilização de todo um povo, etnia ou religião quando a ação terrorista é executada por indivíduos que se nomeiam islâmicos ou mesmo árabes. No entanto, quando o cenário se refere a sujeitos discrepantes desse “padrão de terrorista esperado socialmente”, apenas o indivíduo é reportado como o culpado dessa prática, preservando assim a sua cultura, religião, país ou etnia de qualquer envolvimento efetivo nesse ato.

Comportamentos intolerantes e agressivos dirigidos aos muçulmanos, brasileiros ou não, residentes no Brasil podem ser desencadeados, pois, basicamente, ao entrar em contato com o objeto estranho (mulher com *hijab*, homem com traços árabes de barba) o sujeito o associará de forma automática a significados decorrentes da sua experiência (Arruda, 2002). Muitas vezes, no entanto, as únicas experiências vivenciadas pelo sujeito em relação a essa religião são proporcionadas pela mídia.

Tais comportamentos discriminatórios, bem como a sua justificação acabam por serem desencadeados devido a atribuição a esse grupo (muçulmanos) certas características consideradas merecedoras de tais ações: "Saia do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo

meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis" (Palavras proferidas contra um vendedor árabe no Rio de Janeiro. Grifo acrescentado. FOLHA DE SÃO PAULO, 04 de agosto de 2017).

É possível observar o uso dos pronomes “eu” e “esses”, marcando um claro distanciamento do agressor e o seu objeto de agressão: eles não pertencem ao mesmo grupo. Sabe-se que há uma inclinação para que se atribua valores negativos ao grupo de fora, enquanto que ao grupo ao qual se pertence, atribua-se valores positivos. Dessa forma, há uma discriminação a favor do próprio grupo, em detrimento ao grupo dos outros. Tal favoritismo relaciona-se ao conceito de etnocentrismo: tendência de cada povo de considerar as suas próprias ideias e estilos de vida como superiores aos dos outros.

Ainda sobre esse relato verbal, tal característica “matar crianças e adolescentes” foi vista como merecedora do comportamento intelerante por parte do agressor. Ora, o vendedor de esfirras, Mohamed Ali, refugiado sírio morador do Rio de Janeiro, não era um terrorista, assassino de crianças e adolescentes. Percebe-se, então, que a inclusão dessa pessoa nessa categoria não foi feita de forma lógica, racional e científica (ROAZZI; SOUZA; ROAZZI, 2015). O meio ou a cultura, a qual o agressor esteve inserido, foi um definidor de como as suas categorias foram organizadas (MOSCOVICI, 1988). Neste sentido, as suas RS não foram um reflexo da realidade, mas uma construção mental do sujeito muçulmano (HERZLICH, 1972).

Essa percepção das características do grupo em questão, é afetada não apenas pelo processo cognitivo da categorização, mas também envolve aspectos emocionais, provocando percepções estereotípicas. Como, de antemão, cada sujeito social possui um sistema representacional que auxilia na antecipação de comportamentos alheios, guiando estratégias de ação (DOISE, 1984), é possível que brasileiros que associem o Islamismo ao terrorismo, realizem alguma ação de enfrentamento contra muçulmanos na tentativa de se evitar que o comportamento esperado socialmente de um muçulmano (atentados terroristas) seja, de fato, manifesto. Tais comportamentos agressivos podem ser motivados também pelo não entendimento de como o muçulmano, ainda que não seja terrorista, apoia uma religião que dá margem a esses eventos.

Ainda que tal tendência associativa entre Islamismo e terrorismo pareça estar cristalizada de forma muito imperativa e automática na sociedade brasileira, mesmo em

grupos com níveis educacionais mais elevados, como foi evidenciado nesse estudo com universitários, sabe-se que existem pontos de “fratura” no sistema representacional de cada cultura, o que pode ocasionar a emergência de novas representações sociais a qualquer momento (MOSCOVICI, 2007).

Uma das formas de se provocar mudanças nos estereótipos é através do conhecimento, da exposição a informações objetivas a respeito dessa religião. Soubiale e Roussiau (1998), no entanto, sugerem que os sujeitos precisam possuir algum conhecimento, para que as novas informações possam ser integradas. Tal transformação é possível porque os atores sociais possuem um papel ativo na produção e na transformação das RS, pois apesar de se estarem inseridos em uma comunidade concreta simbólica, não estão condenados a simplesmente reproduzir essa realidade.

Ao que se refere à amostra turca, os participantes, apesar de residirem em um país de maioria muçulmana, parecem ter conhecimento da forte associação do Islamismo e do terrorismo por parte de outros grupos sociais. Tal fato pode ser evidenciado através do segundo item mais citado, na associação livre do Islamismo: “distorção”, que se mostrou muito associado a “islamofobia”. Dessa forma, esses universitários parecem demonstrar que uma distorção do Islamismo causaria a islamofobia, sendo o “terrorismo” uma distorção desse seguimento religioso.

Além disso o item “Islamismo”, contrastantemente à amostra brasileira, não foi incluído na associação livre do terrorismo pelos turcos. Houve também um distanciamento bastante expressivo da palavra “Islamismo” com as palavras bastante próximas ao item “terrorismo”.

Diante do exposto, observa-se que o meio ou a cultura, a qual os participantes da pesquisa estiveram inseridos, mostrou-se definidor de como as categorias foram organizadas (MOSCOVICI, 1988). O entendimento de como os sujeitos representavam os objetos de estudo só foi possível, então, considerando-se o contexto social, suas características e princípios culturais nos quais eles estavam inseridos (JOVCHELOVITCH, 2001). As dimensões sociais e culturais foram englobadas para se pudesse compreender as representações sociais de cada grupo (MOSCOVICI 1988).

5.1 LIMITAÇÕES

Inicialmente, a pesquisa foi pensada em ser realizada com a população muçulmana em geral. No entanto, por questões de segurança e por ter sido fortemente desencorajada por pessoas mais experientes em pesquisas na Turquia, a pesquisadora optou por restringir a amostra à estudantes universitários. Apesar de se tratar de um grupo diferenciado e mais familiarizado com o universo da pesquisa e da academia, houve muita resistência à participação no estudo.

Dessa forma, a amostra dos universitários turcos foi uma fonte de grandes dificuldades na execução da pesquisa. A Turquia encontra-se em um delicado momento político, algo intensificado desde que o suposto golpe militar foi intentado contra a figura do presidente em julho de 2016. Muitos do que aceitam participar, exibiam comportamentos ansiosos e temerosos, evidenciando que não se sentiam totalmente confortáveis a expressarem os seus pensamentos a respeito do tema.

Uma vez que a amostra de ambos os países, Brasil e Turquia, deveria ser similar e a pesquisadora não foi capaz de encontrar uma quantidade de muçulmanos universitários brasileiros que pudessem compor a amostra, a pesquisa, então, se deu com universitários, independente das suas preferências religiosas.

Os dados foram coletados com a ajuda de um universitário/tradutor turco que traduzia o conteúdo oral e escrito dos participantes para o inglês. Posteriormente, a pesquisadora traduziu todo o material do inglês para o português. O fato da pesquisadora não ter contado com o auxílio de outros pesquisadores na coleta dos dados e não ser falante do turco, dessa forma não ter tido acesso direto as explicações dos participantes, acabou por retardar um pouco a pesquisa, impossibilitando o acréscimo de outras análises que poderiam ter sido interessantes para o estudo.

5.2 SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Outras metodologias de pesquisas poderiam ser acrescentadas ao estudo, como a análise do discurso. Tal aprofundamento auxiliaria em uma ulterior contribuição para a literatura científica. Além disso, um estudo que contasse com amostras de muçulmanos brasileiros e turcos também se mostra como um caminho bastante interessante e inovador.

5.3 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E SOCIAIS

O presente estudo, por fim, visa colaborar com uma ampliação do entendimento sobre a representação social do Islamismo e do terrorismo entre universitários brasileiros e turcos, oferecendo uma contribuição à lacuna existente na literatura científica a respeito desse tema e tornando-se uma possível inspiração para novos estudos que visem aprofundar e refinar as investigações com as amostras aqui selecionadas e seus instrumentos. Também se espera que a pesquisa possibilite reflexões que podem direcionar a elaboração de novas estratégias educacionais de combate à comportamentos intolerantes, preconceituosos e xenofóbicos contra os muçulmanos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- ALGHAMDI, E. A. The Representation of Islam in Western Media: The Coverage of Norway Terrorist Attacks. **International Journal of Applied Linguistics & English Literature**, v. 4, n. 3, p. 198-204, 2015.
- ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Reading, *Massachusetts*: Addison Wesley, 1954.
- ARRUDA, A. Teoria da representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, v.117,p. 127-147, 2002.
- BERMÚDEZ, Á. “**Por que a América Latina é a única região do mundo onde o Islã não cresce**”. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39501016>
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BORG, I. Some basic concepts of facet theory. In: LINGOES, J. C. (Org.), **Geometrical representation of relational data: Readings in multidimensional scaling**, Ann Arbor: Mathesis Press, p. 125-154, 1979.
- BORG, I. How to construct indices in Facet Theory. **Paper presented at the IV International Conference on Facet Theory**. Praga, Czech Republic, 1993.
- BRANDÃO, R.; ROAZZI, A. A representação social da AIDS entre os médicos infectologistas. In: FERNANDES, A.; CARVALHO, M. R.; SOBRINHO, M. D. (Eds.), **Representações Sociais e Saúde: Construindo novos diálogo**. Campina Grande: EDUEP, p.17-50, 2004. <https://goo.gl/BdVVCG>
- BREWER, M. B. The Psychology of Prejudice: Ingroup Love or Outgroup Hate? **Journal of Social Issues**, v. 55, p. 429-444, 1999.
- BORG, I.; LINGOES, J. C. **Multidimensional similarity structure analysis**. New York: Springer, 1987.
- CAMEIRA, M.; SERÔDIO, R. G.; PINTO, I.; MARQUES, J. M. Efeitos Implícitos da Pertença e Identificação Grupais na Discriminação Social. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 20, 603-610, 2002.
- CANTER, D.; KENNY, C. The multivariate structure of design evaluation. **Multivariate Behavioral Research**, v.16, p. 215-236, 1981.
- CANTER, David. **The faces of terrorism: multidisciplinary perspectives**. New Jersey: Wiley-BlackWell, 2009.

CIA WORLD FACTBOOK BRAZIL. 2017. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html>

COHEN, E. H.; AMAR, R. External Variables as Points in SSA: A Comparison with the Unfolding Techniques. In: MEYER, S.; HÄNZI, D.; JANN, B.; PEIER- KLÄNTSCHI, E.; SCHWEIZER – MEYER, H. J. (Orgs.), **Facet Theory: Design and Analysis**. Bern: FTA - Facet Theory Association, p. 259-279, 1999.

CONSTITUTION OF THE REPUBLIC OF TURKEY. 1982. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---ilo_aids/documents/legaldocument/wcms_127495.pdf

D'ANDRADE, R. **Development of cognitive anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DANCER, L. S. Introduction to facet theory and its applications. **Applied Psychology: An International Review**, v. 39, n. 4, p. 365-377, 1990.

DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A Identidade em Psicologia Social**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

DONALD, I. The cylindrex of place evaluation. IN: CANTER, D. (Org.), **Facet Theory: Approaches to Social Research**. New York: Springer Verlag, p.165-186, 1985

EYSENK, M. W.; KEANE, M. T. **Cognitive psychology: a student's handbook**. London: Laurence Erlbaum Associates, 1990.

FEGER, H.; VON HECKER, U. Testing the predictions of Facet Theory. **Paper presented at the IV International Conference on Facet Theory**. Praga, Czech Republic, 1993.

FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. **Social cognition**. Reading, Massachusetts: Addison Wesley, 1984.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1907136-refugiado-sirio-e-agredido-enquanto-vendia-esfirras-no-rio-veja-video.shtml>

GUARESCHI, P. A. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os pentecostais. IN: GUARESCHI, P. A .; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.), **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 191-205, 1995.

GUTTMAN, L. An outline of some new methodology for social research. **Public Opinion Quarterly**, v.18, p. 395-404, 1954.

GUTTMAN, L. A general nonmetric technique for finding the smallest co-ordinate space for a configuration. **Psychometrika**, v. 33, p. 469-506, 1965.

DOISE, W. Social representations, intergroup experiments and levels of analysis. IN: FARR, R. Farr; MOSCOVICI, S. (org.), **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984.
DOTTA, L. T. T. **Representações Sociais do ser professor**. Campinas: Alínea, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Psicologia**, v. 34, n. 121, p. 169-186, 2004.

HAMILTON, D. L. A cognitive-attributinal analysis of stereotyping. In: BERKOWITZ, L (Ed.), **Advances in experimental social psycholog**. New York: Academic Press, v. 12, p. 53-81, 1979,

HERZLICH, C. La Représentation sociale. In: S. Moscovici (Org.), **Introduction à la psychologie sociale**. Paris: Librarie Larrousse, 1972.

JACOB, E. K.; SHAW, D. Sociocognitive perspectives on representation. **Annual Rev. Information Sci. Technol.**, v. 33, p. 131-185, 1998.

JETTEN, J.; SPEARS, R.; MANSTEAD, A.S.R. Distinctiveness Threat and Prototypicality: Combined Effects on Intergroup Discrimination and Collective Self-Esteem. **European Journal of Social Psychology**, v. 27, p. 685-657, 1997.

JODELET, D. Les Représentations sociales: un domaine en expansion. Em JODELET, D. (Org.), **Les Représentations Sociales**. Paris: Press Universitary de France, 1989.

JODELETE, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. As Representações Sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 17-44, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais: Saberes sociais e polifasia cognitiva**. Curso de Extensão na FURB/PRORC, EDUCadernos – Série Estudos e Pesquisas. Blumenau, SC, 2001.

KUMAR, M. Introduction: Orientalism(s) after 9/11. **Journal of Postcolonial Writing**, v. 48, n. 3, p. 233-240, 2012.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LEVY, S. Lawful roles of Facets in Social Theories. In: CANTER, D. (Org.). **Facet Theory: Approaches to Social Research**, New York: Springer-Verlag, p. 142-162, 1985.

LEVY, S. Facet Theory: An overview of cumulative theory construction. **Paper presented at the International Facet Theory Conference**. Praga, Czech Republic, 1993.

LIMA, G. A. B. Categorização como um processo cognitivo. **Ciência & Cognição**, v. 11, p. 156-167, 2007.

LIMA, G. A. B de O. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 108-122, 2010.

MEDIN, D. L.; ROSS, B. H. **Cognitive psychology**. 2^a ed. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1996.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961/1976.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. The phenomenon of social representations. In FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Eds.), **Social Representations**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-69, 1984.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, v. 18, p. 211-250, 1988.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales. Em JODELET, D. (Org.), **Les Représentations Sociales**, p. 62-86. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigação em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF**, v. 18, n. 3, p. 417-426, 2013. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000300008>.

PAULA, R. M. **Representações sociais de estudantes do ensino médio da cidade de Jundiaí sobre “orgânico”**, 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de ciências), Universidade de São Paulo, 2012.

PEREIRA, M. E. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 3, p. 280-287, 2008.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

RANGEL, M. **A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

RIZZATTI, C. L. **Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleibe**. Revista Língua & Literatura, p. 11-24, 2001.

ROAZZI, A.; MONTEIRO, C.M.G. A representação social da mobilidade profissional em função de diferentes contextos urbanos e suas implicações para a evasão escolar. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 47, n. 3, p. 39-73, 1995. <https://goo.gl/38FTUO>

ROAZZI, A., LOUREIRO, C.; MONTEIRO, C. M. G. Problemas psicossociais e influências na prática da psicologia escolar: Investigações sobre vandalismo no contexto da escola

pública. IN: WECHSLER, S. M. (Org.), **Psicologia Escolar: pesquisa, formação e prática**. Campinas, SP: Alínea, p. 203-236, 1996.

ROAZZI, A. Lar-doce-lar: Rainha ou rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível sócio-econômico baixo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 51, p. 4, p. 7-38, 1999. <https://goo.gl/38FTUO>

ROAZZI, A.; DIAS, M. G. Teoria das facetas e avaliação na pesquisa social transcultural: Explorações no estudo do juízo moral. Em: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – 13a Região PB/RN (Org.), **A diversidade da avaliação psicológica: Considerações teóricas e práticas**. João Pessoa: Ideia, p.157-190, 2001. <https://goo.gl/blOISb>

ROAZZI, A., SOUZA, B. C.; ROAZZI, M. M. Representações Sociais e transmissão intergeracional de status social e educacional. In: LEMOS, G. C.; ALMEIDA, L. S. (Eds.), **Cognição e aprendizagem: Promoção do sucesso escolar**, v. 3, p. 68-109, 2015. <https://goo.gl/dS7wz2>

RUSSEL, B. H. **Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches**. London: Sage, 1994.

ROAZZI, A.; ANDRADE, E. R. G.; CARVALHO, M.R. Campo semântico e classificações múltiplas no estudo das representações sociais. **Revista de Ciências Humanas, Especial Temática (Representações Sociais: Questões Metodológicas)**, v. 6, p. 381-389, 2002. <https://goo.gl/7IkYnD>

ROAZZI, A.; FEDERICCI, F.C. B.; CARVALHO, M.R. A questão do consenso nas representações sociais: um estudo do medo entre adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, p. 179-192, 2002. <https://goo.gl/l5v9Rp>

ROAZZI, A., SOUZA, B. C.; ROAZZI, M. M. (2015). Representações sociais e a transmissão intergeracional de status social e educacional. LEMOS, Gina C.; ALMEIDA, Leandro S. (Eds.), **Cognição e Aprendizagem: Promoção do sucesso escolar**, p. 68-109, 2015. <https://goo.gl/dS7wz2>

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7, p. 573-605, 1975.

SÁ, C. P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Ed. Ufal e Ed. universitária–UFPE, 2005.

SMITH, E. E.; MEDIN, D. L. **Categories and concepts**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. 5a.ed. São Paulo: Cengage Learning., 2010.

SOUBIALE, N.; ROUSSIAU, N. Social Representation of Islam and Changes in the Stereotype of Muslims. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.14, n. 3, p. 191-202, 1998.

TAISSUN, A. S. **Valores humanos básicos e representações sociais perante o direito à liberdade religiosa: uma visão sobre imigrantes árabes no Brasil**, 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva), Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

TAJFEL, H. The cognitive aspects of prejudice. **Journal of Social Issues**, v. 25, p. 79-97, 1969.

TAJFEL, H. **Grupo humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

TAYLOR, J., R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. 2ed. Oxford: Clarendon Press, 1995.

THAGARD, P.; TOOMBS, E. Atoms, categorization and conceptual change. In: COBEN, H; LEFEBVRE, C. (Eds.), **Handbook of categorization in cognitive science**. Amsterdam: Elsevier, 2005.

TÖRNBERG, A.; TÖRNBERG, P. Muslims in social media discourse: Combining topic modeling and critical discourse analysis. **Discourse, Context and Media**, v. 13, p. 132-142, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2016.04.003>

VALA, J.,; CASTRO, P. Pensamento social e representações sociais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (coord.), **Psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 569-602, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1962.

WARNER, Louis. **Social Representation of Terrorism: A thematic analysis**. Coventry University, towards the degree of Bachelor of Science with Honours in Psychology (A report presented in the Faculty of Health and Life Sciences. Coventry, UK, 2015.

YOUNG, F.W. **Multidimensional scaling: History, theory and applications**. Hillsdale: Erlbaum, 1987.

APÊNDICE A - CATEGORIAS

Descrição das categorias: Tomou-se como referência, para apreensão dos significados dessas categorias, a explicação dada aos itens pelos participantes, após a evocação.

Turquia: Associação livre terrorismo

Morte: Foi tomado como a interrupção da vida

Ódio: Apreendido como o sentimento de desejar o mal a outrem, sentimento motivador de ações que visam a aniquilação do objeto a quem o ódio se dirige.

Divisão: Foi visto aqui como a quebra de união, desencadeado por um conflito.

Explosão: Entendido como a ação de estourar bombas violentamente.

Maldade: Refere-se à atitude perversa e cruel.

Destruição: Compreendido como demolição, extinção total de um lugar.

Guerra: Ausência de paz, disputa armada entre grupos diferentes.

Pessoas inocentes: Refere-se às pessoas que acabam por serem mortas ou afetadas diretamente ou/e indiretamente pelo ato terrorista, apesar de não terem qualquer envolvimento com o mesmo.

Massacre: Morte cruel e violenta em um grande número de pessoas ao mesmo tempo.

Manipulação: A influência sobre um indivíduo ou uma comunidade, contra a sua vontade, quer eles tenham eles consciência ou não. Esse ato é realizado visando o benefício próprio, movido pela cobiça e egoísmo.

Violência: A utilização de força física ou coerção moral contra alguém.

Organizações terroristas: Um grupo ou movimento político/ ideológico que usa o terror como arma para alcançar seus objetivos.

Desumanidade: Ato de selvageria e monstruosidade direcionado a alguém.

Caos: Confusão, desordem, perturbação.

Medo: Sentimento de temor ocasionado pela consciência do perigo.

Questão global: Refere-se a um problema social que engloba a sociedade mundial como um todo.

Oriente médio: Região que se encontra à volta das partes leste e sul do mar Mediterrâneo.

Corrupção: Uso dos recursos e contribuição pública de forma ilícita e egoísta.

Prejuízo: Ato de prejudicar, perder.

Contrário ao islamismo: Interpretação errônea ao que o Islamismo prega, fanatismo, ignorância.

Turquia: associação livre Islamismo

Fraternidade: Refere-se aos comportamentos de solidariedade, ajuda, unidade, lealdade, humanidade, reconciliação entre os indivíduos.

Religião: Sistema doutrinário, ritualístico de um determinado grupo da sociedade com uma crença específica à respeito da divindade.

Tolerância: Refere-se ao respeito às diferentes formas de pensar, de agir e de sentir. Crença no direito de igualdade e da liberdade de todas as pessoas.

Distorção: Alteração proposital dos princípios islâmicos visando benefício próprio e ocasionando comportamentos contrários ao Islamismo, tais como machismo ou terrorismo, por exemplo.

Alcorão: Livro sagrado da religião islâmica, utilizado pelo fiel muçulmano.

Beleza: Associada a felicidade e bem-estar.

Islamofobia: Sentimento de repúdio dirigido aos muçulmanos e a religião islâmica.

Paz: Estado de concordância, calma, sossego e tranquilidade.

Doutrina: Ensinaamentos essenciais transmitidos num sistema.

Crença/Fé: Crença que não depende de evidências

Verdade: O que é imutável, incorruptível, infalível e inquestionável.

Cultura: Conjunto de crenças, rituais, estilo de vida, passado de geração a geração.

Deus: Entidade sobrenatural e suprema, criador de todas as coisas.

Bondade: Qualidade de alguém generoso, amável, cortês, inclinado a fazer o bem.

Profeta: Refere-se ao último profeta Maomé, que recebeu a revelação de Deus à respeito do Alcorão.

Estilo de vida: Escolha individual de como reger a vida pautada na rendição a Deus e na boa consciência.

Oração: Ato de se conectar ao divino por meio das palavras.

Moralidade: Conjunto necessário de regras, valores e princípios que visa a manutenção da ordem.

Vida: Motivação em se estar vivo, entusiasmo e prazer em se viver.

Brasil: associação livre terrorismo

Morte: Foi tomado como a interrupção da vida

Medo: Sentimento de temor ocasionado pela consciência do perigo.

Guerra: Ausência de paz, disputa armada entre grupos diferentes.

Islamismo: Sistema religioso baseado na revelação dada por Deus ao profeta Maomé.

Violência: A utilização de força física ou coerção moral contra alguém.

Fanatismo: Comportamento obsessivo religioso que ocasiona comportamentos extremos de intolerância.

Destruição: Compreendido como demolição, extinção total de um lugar.

Bombas: Instrumento de explosão violenta.

Estado Islâmico: Organização jihadista islamita.

Oriente Médio: Região que se encontra à volta das partes leste e sul do mar Mediterrâneo.

Estados Unidos: País situado na região central da América do Norte.

Pessoas Inocentes: Refere-se às pessoas que acabam por serem mortas ou afetadas diretamente ou/e indiretamente pelo ato terrorista, apesar de não terem qualquer envolvimento com o mesmo.

Tristeza: Ausência de alegria, desânimo, aflição, melancolia.

Caos: Confusão, desordem, perturbação.

Maldade: Refere-se à atitude perversa e cruel.

11 de setembro: Data mundialmente conhecida por uma série de atentados contra os Estados Unidos pela organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda.

Poder: Capacidade de dominar, pressionar, coagir, exercer autoridade.

Al-Qaeda: Organização fundamentalista islâmica internacional.

Ódio: Apreendido como o sentimento de desejar o mal a outrem, sentimento motivador de ações que visam a aniquilação do objeto a quem o ódio se dirige.

Brasil: associação livre Islamismo

Religião: Sistema doutrinário, ritualístico de um determinado grupo da sociedade com uma crença específica à respeito da divindade.

Terrorismo: Utilização sistemática do terror como meio de intimidar uma sociedade ou um governo.

Fanatismo: Comportamento obsessivo religioso que ocasiona comportamentos extremos de intolerância.

Véu: Acessório de vestuário utilizado para se cobrir os cabelos e o colo feminino por razões religiosas.

Machismo: Negação à mulher os mesmos direitos desfrutados pelo homem, crença de que a mulher é um ser inferior.

Oriente Médio: Região que se encontra em volta das partes leste e sul do mar Mediterrâneo.

Guerra: Ausência de paz, disputa armada entre grupos diferentes.

Alá: Único Deus aceito como verdadeiro na religião islâmica

Fé: Sistema de crenças de uma determinada religião.

Bomba: Instrumento de explosão violenta.

Maomé: Último profeta, que recebeu a revelação de Deus à respeito do Alcorão.

Muçulmano: Fiel que segue a religião islâmica.

Cultura: Conjunto de crenças, rituais, estilo de vida, passado de geração a geração.

Alienação: Incapacidade de pensar além de um sistema ideológico ou religioso o qual se estar inserido.

Mesquita: Templo religioso utilizado pelos muçulmanos para as suas reuniões e orações.

Alcorão: Livro sagrado da religião islâmica, utilizado pelo fiel muçulmano.

Morte: Interrupção da vida.

Expansão: Crescimento, ampliação, conquista de novas terras e pessoas.

Humildade: Foi tomado como a característica de quem é pobre, de quem vive com recursos limitados para sobreviver.

Perigo: Situação de ameaça, da existência ou integridade de alguém.

Islamofobia: Sentimento de repúdio dirigido aos muçulmanos e a religião islâmica.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Questionário Sociodemográfico

Sujeito nº: _____

Idade: _____

Sexo: ☐ Masculino

☐ Feminino

Curso: _____

Formação atual: ☐ Graduação

☐ Mestrado

☐ Doutorado

Religiosidade: ☐ Judaísmo

☐ Cristianismo

☐ Islamismo

☐ Agnosticismo

☐ Ateísmo

☐ Outro. Qual? _____

Estado Civil: ☐ Solteiro (a)

☐ Casado (a)

☐ Divorciado (a)

☐ Outro. Qual? _____

Renda familiar per capita:

☐ Até um salário mínimo por pessoa

☐ Entre um e três salários mínimos por pessoa

☐ Entre três e seis salários mínimos por pessoa

☐ Entre seis e nove salários mínimos por pessoa

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa Islamismo e Terrorismo: representações sociais entre universitários brasileiros e turcos, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Ariane Siqueira Barboza Souza. Rua Major João Ribeiro Pinheiro, 210, Várzea, Recife-PE, CEP: 50740-170, telefone 087 9 9617-9326, email: apenasariane@gmail.com, sob a orientação de: Antonio Roazzi. Telefone: 081 9 9907-5445, e-mail roazzi@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

Essa pesquisa objetiva captar os sistemas conceituais de universitários, entendendo como eles categorizam e formam seus conceitos em relação ao islamismo e ao terrorismo. Para isso, serão realizadas duas sessões individuais de entrevistas de aproximadamente 15 minutos cada.

Se houver constrangimento ao expor as suas opiniões ou ocorrer algum desconforto psicológico, causado pela pesquisa, você poderá desistir da pesquisa e terá disponível o suporte da pesquisadora responsável. Você terá a sua disposição os resultados referentes a sua participação, através de contato com a pesquisadora e após o período de coleta e análise dos dados.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (entrevistas), ficarão armazenados em pastas de arquivo e computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos. Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

(Assinatura da pesquisadora)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

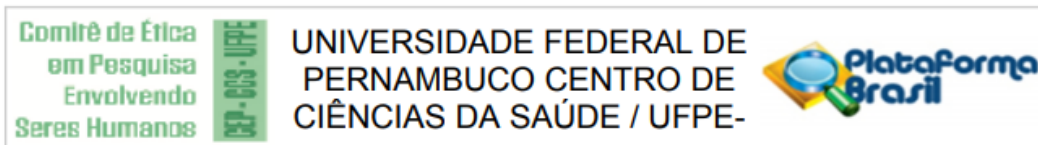
Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo Islamismo e Terrorismo: representações sociais entre universitários brasileiros e turcos, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO B – PARECER DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Processos de categorização: organização conceitual em relação ao Islamismo e terrorismo na cultura brasileira.

Pesquisador: ARIANE SIQUEIRA BARBOZA SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60894316.2.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.814.677